



INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES

MARGARIDA DUETE LOURENÇO BENDO

**ESTRANHAMENTO E CONVIVÊNCIA DOS ESTUDANTES AFRICANOS EM SÃO
FRANCISCO DO CONDE**

São Francisco do Conde
2016

MARGARIDA DUETE LOURENCO BENDO

**ESTRANHAMENTO E CONVIVÊNCIA DOS ESTUDANTES AFRICANOS EM SÃO
FRANCISCO DO CONDE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês, como requisito na obtenção do grau de Bacharelado em Humanidades.

Orientador: Profa. Dra. Cristiane Santos Souza

São Francisco do Conde
2016

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

B397e

Bendo, Margarida Duete Lourenço.

Estranhamento e convivência dos estudantes africanos em São Francisco do Conde /
Margarida Duete Lourenço Bendo. - 2016.
58 f. : il.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2016.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiane Santos Souza.

1. Estudantes africanos. 2. Estudantes universitários - São Francisco do Conde, BA. 3.
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Estudantes. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 378.198098142

MARGARIDA DUETE LOURENÇO BENDO

ESTRANHAMENTO E CONVIVÊNCIA DOS ESTUDANTES AFRICANOS EM SÃO FRANCISCO DO CONDE

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades. da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês, com requisito parcial para obtenção do titular de Bacharelado em Humanidades.

São Francisco do Conde – BA, 23 de Novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristiane Santos Souza (Orientadora)

Doutora em Antropologia Social, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira, Campus dos Malês.

Profa. Dra. Ana Luiza Pinheiro Flauzina

Doutorada em Direito pela American University Washington College of Law
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira, Campus dos Malês.

Profa. Mestra Jucélia

Doutorada em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe

Dedico este trabalho a minha mãe, Maria das Dores Muendo Lourenço, pelo apoio incondicional em todas as áreas da minha vida, e por ser a pessoa mais importante da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Numeroso caminho tive que passar até chegar aqui, e eu acredito que foi necessário tudo isso para eu me tornar melhor, tanto como pessoa quanto acadêmica. E, ao longo desse caminho, pude contar com a ajuda e apoio direto ou indiretamente de várias pessoas e instituições, o que fez com que conseguisse realizar o trabalho.

Primeiro, agradeço a Deus todo poderoso, que me deu forças todos os dias, de levantar da cama e acreditar que eu era capaz e que no final tudo daria certo.

Em segundo, lugar agradeço a minha querida mãe Maria Das Dores Muendo Loureço. É, com lágrimas nos olhos que escrevo esse parágrafo, porque só eu e ela sabemos de onde saímos e tudo que já passamos juntas, e onde estamos agora. Ainda temos muitas coisas para alcançar, mas juntas sei que sempre será possível. Queria que estivesse aqui hoje para podermos comemorar nossa vitória juntas, mas mesmo distante fisicamente eu sei que estás comigo nesse momento. Agradeço-te por ser a melhor mãe para mim e as minhas irmãs: Rita da Graça Mankafi e Virginia Maria Bonito Capita, por não me deixarem desistir nunca em muitas das crises de desespero que tive quando eu pensava que não adiantava mais seguir em frente. Obrigada minha mãe, minha heroína, meu porto seguro e meu exemplo de força e determinação que esteve sempre presente em todas as etapas da minha vida.

Agradeço ao meu pai, José Nicolau Simba, por ser meu pai e me apoiar nos meus estudos em Angola até a minha chegada à Bahia\Brasil.

Agradeço à minha orientadora, professora e amiga, Cristiane Santos Souza, por tudo que fez por mim, ainda no primeiro trimestre, incentivando-me com palavras do tipo: “Margarida, você consegue fazer melhor que isso, porque tudo é questão de prática, muitas leituras e horas de dedicação”. Mesmo quando eu não acreditava em mim ela sim. Obrigada por todo tempo dedicado a mim, sempre pude contar contigo a qualquer hora e dia da semana.

Agradeço a minha família, em especial a minha tia Maria Teresa Lelo Loureço, por me dar incentivo de me escrever nas vagas da UNILAB, mesmo eu não demonstrando interesse nenhum, ela estava lá sempre falando e às vezes ligando, e assim me escrevi e passei para o campus do Malês\ Bahia.

Ao meu tio, Joaquim Capita, por ser esse tio maravilhoso, que a gente pode contar sempre que precisa.

Aos meus irmãos, primos e sobrinhos por serem sempre maravilhosos comigo.

Agradeço a todas as meninas do Coletivo de Mulheres Africanas (CEMA), em especial a Aldine Valente e a Naeentrem Sanca, por estarem comigo incondicionalmente num dos momentos mais difíceis e que mais precisei de ombros amigos.

Aos colegas e amigos angolanos, que significam muito para mim, os meus irmãos de mães e pais diferentes, mas com muita coisa em comum, por estarem sempre comigo e me apoiarem também incondicionalmente em tudo.

As instituições:

DEPIR- Departamento de Promoção de Igualdade Racial.

UNILAB- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia afro-brasileira e ao

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Por me concederem alguns materiais que contribuíram bastante para a realização do meu trabalho.

E, por fim, agradeço a toda comunidade em geral que direta ou indiretamente contribuíram para que esse trabalho fosse concluído, são eles: aos irmãos da igreja Batista Shalon, a ASEA (Associação dos Estudantes e Amigos da África), em nome de todos os estudantes africanos, aos meus colegas brasileiros e a todos os professores da UNILAB, técnicos e servidores da instituição, os seguranças da instituição, o pessoal da limpeza e do RU, aos munícipes da São Francisco do Conde.

Discriminados por serem negros e africanos, e por isso, tratados como seres inferiores, os imigrantes se descobrem e passam a considerarem-se negros, em oposição aos brancos brasileiros, e em relação ao marrom, cor de jambo, cor de chocolate, etc. (Ercílio Neves Brandão Langa, 2012).

RESUMO

A chegada dos *estudantes africanos* no município de São Francisco do Conde\BA Brasil, entre os anos de 2014-2016, gerou olhares de surpresa, curiosidade e muito estranhamento na cidade, além de muitos outros processos. Esses estudantes são jovens vindos dos países dos PALOP- Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, (Angola, Moçambique, Cabo-Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe), que saem dos seus respectivos países a procura de uma formação superior no Brasil e ao chegarem ao município de destino se chocam quando são vistos com forte estranhamento e, por isso, são colocados no lugar do *outro*, o *africano* ou *angolano* pelos munícipes. E aqui, a problemática foi refletir como esse estranhamento interferiu na vida desses estudantes, a convivência na cidade, o corpo da mulher africana na cidade e o estranhamento existente entre os próprios africanos, pois, conforme sabemos o continente não é unitário e que existem muitos aspectos em comum em termos sociais e culturais, mas também diferenças e peculiaridades importantes.

Palavras-chave: Estranhamento, Africanos, São Francisco do Conde (BA), Experiências Universitárias.

ABSTRACT

The arrival of African students in São Francisco do Conde \ BA Brazil, between the years 2014-2016, generated surprise looks, curiosity and strangeness in the city, and many other processes. These students are young people from the countries of the PALOP- Portuguese-speaking African countries (Angola, Mozambique, Cape Verde, Guinea-Bissau and Sao Tome and Principe), coming out of their respective countries the demand for higher education in Brazil and upon arrival at the destination city clash when viewed with strong estrangement and therefore are put in place on the other, by African citizens. And here, the problem is how this estrangement interfered in the lives of students, living in the city, the body of African women in the city and the existing estrangement between Africans themselves, because, as we know the continent is not unitary and that there are many aspects in common in social and cultural terms but also differences and important peculiarities.

Keywords: Strangeness, African, São Francisco do Conde (BA), University Experiences.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	População residente, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio, o sexo e a idade, município de São Francisco do Conde BA, 2010.	17
Tabela 2 -	Perfil das entradas dos estudantes estrangeiros – país de origem e ano de entrada.	28

LISTA DE ABREVIATURAS DE SIGLAS

ASEA -	Associação dos Estudantes e Amigos de África
CMA -	Coletivo das Mulheres Africanas
CPLP -	Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
DEPIR -	Departamento de Promoção de Igualdade Racial
DNA -	Ácido desoxirribonucleico
EUA -	Estado Unido de América
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBT -	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.
OMA -	Organização da Mulher Angolana
OMM -	Organização da Mulher Moçambicana
PALOP -	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
RU -	Restaurante Universitário
SFC -	São Francisco do Conde
SUS -	Sistema Único de Saúde
TV -	Televisão
UA -	União Africana
UNILAB -	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	SÃO FRANCISCO DO CONDE: A PRESENÇA NEGRA E AS RELACOES RACIAIS.	16
2.1	JUVENTUDE NEGRA EM MOVIMENTO.	21
3	A CHEGADA DOS ESTUDANTES AFRICANOS EM SÃO FRANCISCO DO CONDE O ESTRANHAMENTO.	28
3.1	O SER NEGRO E AFRICANO EM SÃO FRANCISCO DO CONDE, O SER AFRICANO EM SEU PAÍS DE ORIGEM.	34
4	GÊNERO, MULHERES, ATIVISMO, EMPODEIRAMENTO E FEMINISMO NEGRO EM SÃO FRANCISCO DO CONDE E NA UNILAB.	42
4.1	O COLETIVO DAS MULHERES AFRICANAS (CMA) E OS ESTUDANTES AFRICANOS NA UNILAB.	44
4.2	O ESTRANHAMENTO ENTRE AFRICANOS.	48
4.3	DE ONDE SOU AGORA? SOU DE LÁ OU DAQUI?	50
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.	53
	REFERÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca compreender o olhar estranhamento sofrido pelos estudantes africanos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), são eles: Angola, Cabo-verde, Moçambique, Guine Bissau e São Tome e Príncipe, na cidade de São Francisco do Conde\BA no Brasil, os constrangimentos e o choque vivenciado pelos estudantes africanos, bem como este mesmo estranhamento entre estes estudantes no convívio cotidiano na cidade e na Universidade. Desta forma, procurei entender os fatores que estão por de trás desse estranhamento, o que é ser africano aqui e no seu país de origem, abordando o estranhamento e os cotidianos do dia a dia dos estudantes na cidade.

Com a chegada dos estudantes africanos em São Francisco do Conde, logo notou-se que eles não eram tratados como iguais pelos munícipes, Os estudantes em quase todos os momentos eram e são vistos como o *outro*, o de lá ou sempre como o africano na cidade. A existência de uma história em comum entre brasileiros e o continente africano, não foi suficiente para que os estudantes africanos se sentissem acolhidos e em casa.

A problematização deste trabalho baseia-se no porque que os estudantes africanos têm sofrido tanto estranhamento por parte dos Sanfranciscanos? Registrar e compreender o porque dos diferentes tratamentos vivenciados por estes estudantes africanos por parte dos Sanfranciscanos? Entender como as opiniões negativas vindas dos Sanfranciscanos tem interferido na vida dos estudantes africanos e em relações internas?

Imagino que esteja relacionado a um conjunto de representações, a um imaginário sobre o continente africano e, conseqüentemente sobre os “africanos”. As velhas generalizações. Durante as minhas pesquisas pude observar que no Brasil não ensina para os seus cidadãos o que é a África de “verdade”, mesmo com a aprovação da Lei 10639\03, a despeito de todos os avanços, observadores nos mais de dez anos de obrigatoriedade da referida Lei. Mesmo assim ainda há falta de professores qualificados para atuar na área, assim como por outros fatores. Isso evidenciando a necessidade e importância de se cumprir o verdadeiro objetivo dela, a saber: ensinar as histórias e as culturas africanas e.. Ademais, a mídia também tem sido uma forte aliada e contribuído bastante para que a África e o africano sejam estereotipados como os selvagens, como um continente com fome, de doenças, sem nenhuma civilização.

Também orientaram este trabalho os objetivos específicos, a saber: Identificar e analisar as várias opiniões emitidas pela população Sanfranciscana sobre os africanos.

Identificar as classificações que estão sendo dadas aos estudantes africanos, e por fim saber como os africanos se sentem em relação aos tratamentos recebidos e como tudo isso marca a relação entre os próprios estudantes.

Para alcançar os objetivos e questões que guiaram a pesquisa adotei uma abordagem qualitativa, de caráter etnográfico. Para tal, realizei pesquisas de campo junto aos estudantes estrangeiros (oriundos de diferentes países) e com os moradores de São Francisco de Conde. Os passos dados foram sendo estruturados, tendo como primeira revisão, leitura e sistematização bibliográficas. Realizei seis entrevistas semiestruturadas com alguns estudantes africanos na Universidade de países diferentes e com a coordenadora do Coletivo Juventude Negra em Movimento de São Francisco do Conde, Joceline Bandeira, ¹Nestas entrevistas com os estudantes africanos, dentre outros aspectos, procurei saber como eles se sentem no município, em relação ao estranhamento que muito deles alegaram e alegam sofrer na cidade, entre várias questões do cotidiano dos estudantes africanos. Ademais, empreendi um trabalho sistemático de observação e registro das formas como os estudantes são vistos e trabalhos pelos Sanfranciscanos.

A minha proposta inicial era falar sobre o estranhamento dos Sanfranciscanos em relação à chegada dos africanos em São Francisco do Conde, mas no decorrer das minhas pesquisas, escritas e leituras outras discussões que me levaram a trabalhar e falar sobre o Estranhamento e Convivência dos estudantes PALOP em São Francisco do Conde. Tive várias dificuldades no decorrer do trabalho em relação a biografias sobre a cidade, pois não há muita coisa escrita sobre o município.

Para melhor apresentar algumas das reflexões e achados produzidos com a pesquisa estruturei o trabalho está em quatro partes, uma Introdução e três capítulos. Na introdução faço a apresentação do meu trabalho.

No primeiro capítulo retrato da cidade de São Francisco do Conde, destacando as relações raciais no município, município com uma população negra de mais de 90%, conforme os últimos dados do IBGE de 2010. Busquei contextualizar São Francisco do Conde como território que recebeu em diferentes tempos contingentes de jovens africanos. Trato como a cidade atuou no objetivo de ajudar os jovens negros a se reconhecerem e não se acomodarem com a baixa estima. No segundo capítulo Já apresento algumas reflexões iniciais

¹Escolhi entrevistar a Joceline Bandeira porque ela é a coordenadora e uma das fundadoras do Coletivo da Juventude Negra em Movimento de São Francisco do Conde. Não fiz entrevista com outros membros do coletivo porque o Coletivo se encontra de momento com os projetos meio parados e sem os seus encontros regulares, devido o momento atual que a cidade se encontra de eleições municipais Não busquei ouvir também outras pessoas de outros coletivos porque de momento o Coletivo da Juventude Negra em Movimento é o único na cidade de São Francisco do Conde, os Outros coletivos já não existem no município.

às primeiras impressões que os *estudantes africanos* tiveram do Brasil quando chegaram á cidade. O que mudou nesse tempo em que estão em São Francisco do Conde, como é que os estudantes africanos imaginavam o Brasil ao chegarem à cidade, sobre o que mudou nesse tempo em que estão em São Francisco do Conde, como é que os estudantes africanos imaginavam o Brasil, e o porquê daquele pensamento etc. Por fim, entender como se dá às relações raciais no município, retratar como o negro africano se sente em São Francisco do Conde (Brasil), e no seu país de origem, pretende tratar da diferença que existe em ser negro africano em São Francisco do Conde\ Brasil e serem negros no seu país de origem, os impactos que e os constrangimentos sofridos pelos estudantes africanos na cidade.

No terceiro capítulo foco o olhar para tratar das representações da mulher negra e africana em São Francisco do Conde. Como são vistas, as mulheres Áfricas no município, os assédios diários sofridos por elas, por parte dos homens da cidade, vistas, na maioria das vezes, como objeto sexual, sendo reduzida e associada a sexo. Nele trato do estranhamento que existe entre estudantes africanos, os elos e o que lhes diferem, porque são todos africanos sim, mas com particularidades também. O estranhamento sofrido pelos estudantes africanos no município de São Francisco do Conde e como isso tem afetado os estudantes, a perspectiva que os estudantes tinham do Brasil antes da sua chegada. De que forma esse estranhamento afeta as relações dos estudantes com os munícipes vendo que um dos principais objetivos da universidade (UNILAB) é a integração dentro e fora da universidade entre ambas às partes. Por fim, reflito sobre as relações entre os próprios africanos, sendo que eles não são unitários, são estudantes vindos de diferentes países africanos, regiões com culturas, hábitos e costumes diferentes em vários aspectos.

2 SÃO FRANCISCO DO CONDE: A PRESENÇA NEGRA E AS RELAÇÕES RACIAIS

O histórico de privações do negro em relação às instituições sociais impede-lhe o acesso à sua história e à sua cultura, pois, mesmo nas poucas vezes em que pôde frequentar os bancos escolares, o negro não se via contemplado com dignidade nos fatos históricos, nos heróis, no ensino da religião ou das línguas. (Munanga, 2004 apud SANTOS; NETO, 2011, p. 523).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, a população estimada de São Francisco do Conde é de 33.183 habitantes. O município localiza-se a 80 km de Salvador, (capital do Estado da Bahia). Ele é um dos mais ricos do Brasil, com produto interno bruto per capita de 296884,69, devido à presença e arrecadação dos *royalties* da refinaria de petróleo, Landulfo Alves. Segundo Souza (2013, p. 86), “a construção da primeira refinaria do país, nos anos 1950, a Landulfo Alves, no município de Mataripe [...]”, gerou mudanças radicais nas dinâmicas e relações sociais de São Francisco do Conde.

Conforme chama atenção Souza (2013), em termos históricos, São Francisco do Conde localiza-se no Recôncavo baiano². Nele hoje podemos encontrar vestígios deixados pelo sistema colonial e a escravidão exemplos: de alguns monumentos que foram construídas com mão de obra escrava. Santos (1998, p. 137), a casa-grande e a fábrica do antigo engenho Cajaíba, a ponte do cais diante do conjunto arquitetônico, o oratório da casa-grande, com altar de telha neoclássica e a grande tela de Nossa Senhora da Conceição, o acervo da casa está constituída por mobílias como porcelana e cristais adquiridos por Bernardo de Catarino, o edifício se encontra em bom estado de conservação. A Igreja Nossa Senhora do Monte, Capela Nossa Senhora do Vencimento, Igreja Nossa Senhora do Amparo, Convento de Santo Antônio, a ruínas da primeira escola agrícola do Brasil etc.. As manifestações culturais como: (a capoeira, maculelé, samba de roda, bamba de Pitangueira, etc.). São mais algumas das marcas deste passado colonial e escravista. Por fim, cabe reafirmar a presença da herança cultural dos diferentes povos e grupos sociais que ai esteve presente: a capoeira, maculelé, samba de roda, bamba de Pitangueira, etc. As caracterizações usadas no carnaval da cidade como: afoxé, o capabode, mandú, meninos da lama, etc. Na cidade também ainda podemos observas alguns comportamentos relacionados aos negros escravizados a saber cidadãos

² Em termos politípicos administrativos atuais o município de São Francisco do Conde pertence ao território de identidade da Região metropolitana de Salvador.

andando sem camisa, descalços e comendo com a mão. São Francisco é uma cidade jovem e negra, com uma história invejável e muito curiosa para muitos pesquisadores.

Tabela 1 - População residente, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio, o sexo e a idade, município de São Francisco do Conde – BA, 2010.

Branca	2.239
Preta	13.278
Amarela	711
Parda	16.878
Indígena	77
Sem declaração	
Total	33.183

Fonte: IBGE-Censo Demográfico, 2010.

Segundo o antropólogo Munanga (2004), “não é fácil definir quem é negro no Brasil”. “Por outro lado, para GOMES (2001, p. 43),” *Ser negro, no Brasil [...] é uma postura política* “... “*Ser negro é tornar-se negro*” (apud SANTOS; Molina,NETO, 2011, p. 518). Penso que a esta experiência de “tornar-se negro” é parte do processo vivenciado pelos estudantes africanos no convívio e na Universidade.

O Brasil em seu discurso oficial de nação foi durante muito tempo considerado um país miscigenado. Por esse motivo nunca foi uma tarefa fácil saber quem são os negros do país. Ser negro no Brasil nunca foi motivo de orgulho para maior parte da sua população, e não é diferente para os munícipes de São Francisco do Conde, um município com quase 90% da sua população negra, e com uma história de escravidão muito forte e triste, se reconhecer como negro é para sua maioria relacionada a coisas consideráveis “negativas”, a exemplo de pobreza, prostituição, ser o *outro* e ter uma história em comum com o continente africano. Se reconhecer num africano é o que a maioria dos brasileiros não desejam, porque todo mundo sempre cresceu ouvindo que o negro era feio, que o negro não servia para ocupar cargos de poder e prestígios, a exemplo de advogados, médicos, banqueiros dentre outros cargos de prestígios. A mídia nesse processo de assumir o papel de definir o que é belo ou feio tendo como parâmetro o *homem branco* e de reproduzir discursos pejorativos sobre o africano e o negro brasileiro.

Os discursos e representações negativas propagadas através das mídias faz com que o homem ou a mulher brasileira não queiram se identificar de jeito nenhum com o africano ou o próprio continente, ser negro já é difícil e ser negro africano pior, ou seja, traz outras dimensões da experiência do racismo a brasileira.

A literatura e os estudos sobre relações raciais no Brasil apontam para o fato de que muitos afro-brasileiros quando crianças já desejaram ser branca, e ter um *cabelo liso*. Muitas nunca tiveram o incentivo por parte das famílias nem da própria escola de valorizar as diferenças raciais e de auto afirmar-se enquanto negros. A escola muita das vezes colabora para a baixa estima do aluno negro em relação a sua cor e ou identidade, a família desde cedo com comentários discriminadores do tipo: *cabelo ruim, nariz grande, cor de café* faz com que os filhos saiam para rua sem preparo nenhum sobre o seu pertencimento, e se sintam inferiores aos colegas, amigos nos espaços coletivos onde tenham uma grande diversidade étnica racial. E a escola com a falta de preparo dos próprios professores sobre as histórias e experiências de formação da sociedade brasileira, a história do negro e do continente africano, não ajuda muito no reconhecimento do próprio negro em relação à autoestima ou quando o assunto é ser negro ou africano.

O Brasil tinha como projeto nacional o ideal do branqueamento, implementado por meio da miscigenação seletiva e políticas de povoamento e imigração europeia, e propunha, como solução harmoniosa para o problema racial, a desapareção gradual dos negros pela via de sua absorção pela população branca. (HASENBALG, 1996, apud SANTOS. MOLINA, NETO, 2011, p. 521).

O Brasil sempre teve em suas ações políticas diretas e indiretas um projeto de branqueamento da nação, e assim conseguiu criar na mentalidade e nas representações da população um ideal humano branco, onde eles passam a ver a identidade negra como algo muito doloroso, só como uma herança de um passado muito discriminado, explorado e negativo, a prova disso é o que Kaly (2001, p. 111), argumenta “da segunda metade do século XIX até o final da quarta década do século XX, o Brasil foi um dos países do continente americano que mais receberam estrangeiros vindos da Europa, graças à política do embranquecimento”.

Kaly (2001, p. 111) continua seu argumento e termina dizendo que durante esse período da política do embranquecimento da nação, nas primeiras décadas do século XX, o Brasil fechou as suas fronteiras aos migrantes vindos da África e da Ásia, os amarelos, e também para os negros norte-americanos, que tinham o desejo de morar no Brasil, porque para a elite brasileira essas eram as raças inferiores. O que segundo Kaly (2001, p. 11), as

raças inferiores são aqueles grupos étnico, que se afastam do padrão exigido na política do branqueamento criado pela elite brasileira, onde são estigmatizados em função de traços ou características biológicas, e tudo isso foi esclarecido no Decreto nº528, de 28 de junho de 1890. Tudo isso com o intuito de embranquecer o país, privando a entrada dos africanos e não só, mas essa política não se fez sentir porque segundo Freire (2003, p.367), “todo brasileiro traz na alma ou no corpo pelo menos a pinta do indígena ou do negro, mesmo os alvos de cabelos louros”. A auto identificação é a prova de que ser negro no Brasil é uma escolha que, muitas das vezes, é mais política do que pessoal.

Uma pessoa pode até querer se identificar como negro, mas quando ela sabe que não terá benefício nenhum logo ela se autodenomina como parda, porque ela sabe que a cor da sua pele não é branca, mas também não quer ser associado ao negro. Ser negro aqui não está só associado à cor da pele, mas sim envolve vários outros fatores como: cultural, políticos, religiosos e privilégio. Importante lembrar que o sistema racial que prevalece no Brasil é o preconceito de marca, nele ressalta-se além da cor da pele os traços fenotípicos (os traços físicos do indivíduo), os gostos do indivíduo e o sotaque. (Joceline Bandeira, coordenadora da pasta da juventude negra, sfc, entrevista realizada no dia 15 de setembro de 20016).

Segundo afirma Munanga (2004, p. 52), “com os estudos da genética, realizados por meio da biologia molecular, constatando que muitos brasileiros aparentemente brancos trazem marcadores genéticos africanos, então cada um pode se dizer um afrodescendente”. Não é apenas o fenótipo que diz quem é negro ou não, porque muito que têm traços que se aproximam mais dos africanos ao fazerem o DNA pôde demonstrar que têm mais genética dos europeus. Porém, como o sistema brasileiro se afirma na *marca aparente*, basta o indivíduo ter o fenótipo de um negro que sofre logo racismo na sociedade brasileira. Diferente dos EUA, segundo argumenta Munanga (2004, p. 52), “nos EUA não existe pardo, mulato ou mestiço e qualquer descendente de negro pode simplesmente se apresentar como negro. Portanto, por mais que tenha uma aparência de branco, a pessoa pode se declarar como negro”.

Muitos mesmo, tendo a cor de pele branca com *traços mais finos*, como: nariz empinado como a do europeu, lábios pequenos e se parecer como uns brancos não se autodenominam como brancos, sim se vê e se reconhece como negro, por alegar ter pai ou mãe com pele preta e vir de uma família onde a sua maioria são de pele preta, e se reconhecem como negro com muito orgulho, as que eu vou chamar de *famílias empoderadas*³.

³ Compreendo por *famílias empoderadas* aquelas que têm o orgulho de serem negras. A negritude é um conceito que elas adotam como estilo de vida, se reconhecer como afro-brasileira é uma herança que é passada de geração em geração.

Em São Francisco do Conde essas famílias quase não se notam, porque numa cidade com 33.183 de habitante temos 16.878 de auto declaração sendo parda e só 13.278 da população se autodeclarou negra, isso segundo IBGE (2010), e em termo de Estado da Bahia e Brasil está forma de auto declaração não é tão diferente.

As famílias Sanfranciscanas refletem o que está presente no imaginário da sociedade brasileira seus ideais de branqueamento. Elas em sua maioria não querem nem se lembrar dos tempos ruins que viveram na cidade, isso é, dos tempos dos trabalhos nas usinas de canas de açúcar, onde os escravizados trazidos dos países africanos davam todo seu suor e vida para enriquecer os seus senhores. Ser negro (até final do século XIX) era ser escravizado e depois passou a ser uma exploração isso já para os libertos. Num Brasil de pessoas livres, isso ficou na mente de muitos deles, sendo assim já com condições de vida melhoradas.

Vale dizer ainda que a identidade do sujeito pode apresentar-se também como um elemento político e organizativo, onde a pessoa pode negar ou afirmar de acordo com a conjuntura social e política, na qual se está inserida num dado momento histórico, segundo Barth (2000 apud LUCENA, LIMA, 2009). Porque não se adota uma identidade só por adotar no Brasil, e para os Sanfranciscanos não se foge a essa regra. “Pois, quem se define como negro, em um dado contexto, pode não assumir a mesma autoafirmação em outro contexto e situação social,” já dizia Sansone (2003, apud LUCENA, LIMA 2009 P. 36).

Conforme podemos ler no ditado popular: *a ocasião faz o ladrão*, ser negro pode carregar prestígios ou não, mas em São Francisco do Conde onde mais da metade da população tem o tom de pele preta, os brancos representam em torno de 7% da população. Argumenta o SANSONE (2011, p.366), “Parece que a negritude torna-se interessante, como fator que conduz a uma maior autoestima, apenas quando podem ser percebidos, ao menos em certa medida, como uma escolha”, eles preferem se autodenominar como pardos ou morenos, “vale enfatizar ainda que a identidade apresenta-se também como um elemento político e organizativo, podendo ser estrategicamente negada ou afirmada de acordo com o conjunto social e política, na qual está inserido num dado momento histórico”, Barth (2000 apud LUCENA; LIMA, 2009).

Santos; Molina Neto (2011, p. 520), afirmam que as relações no Brasil se estabelecem baseadas em estereótipos que têm como padrão ideal o homem branco, de preferência os de *pele clara e cabelo liso*, isso devido à presença de vários grupos humanos que constituíram a sociedade brasileira, e a diferenças étnico-racial É o que se observa no município de São Francisco do Conde, principalmente nas mulheres da cidade que utilizam

diferentes estratégias para *adquirirem o fenótipo* da mulher branca pintando o cabelo de louro e alisando o cabelo, só pra não ser chamada de negra, mas sim de se aproximar do padrão que a sociedade e a mídia dizem ser o ideal.

O preconceito racial no Brasil, não é de origem⁴, a sua maioria é segundo o fenótipo, isso é o preconceito de marca, onde os autores Santos; Molina Neto (2001, p. 522), define como de “traços físicos do corpo de um negro que começam as primeiras identificações e discriminações em relação à cultura dos negros [...]”, para esses autores o seu pertencimento étnico-racial, sendo ou não percebido, dá ao negro uma série de situações de constrangimento, discriminação, isolamento e outras formas de violência, que influenciam decisivamente na formação dos homens e mulheres negras.

2.1 JUVENTUDE NEGRA EM MOVIMENTO.

Em outubro de 2013 se criou o Coletivo da Juventude Negra em Movimento⁵ em São Francisco do Conde. Um movimento social, voltado para refletir sobre nas questões que dizem respeito e dialogam com os jovens do município, tais como: ser negro dentro de São Francisco do Conde. Depois da criação desse Coletivo os integrantes fizeram vários contatos com outros movimentos fora do município criando assim diálogos com a população de São Francisco do Conde com o objetivo de mudar a condição que a juventude se encontrava e ajudar os jovens da cidade a se pensarem enquanto negros.

Um dos fatores que impulsionou também na criação desse coletivo foi quando esses jovens começaram a estudar os dados do município do IBGE e constataram que 98% da população se autodeclaravam pardos e negros, e os jovens queriam dar um basta nisso, e entender como é possível que 98% da população dos municípios se autodeclaravam pardos e negros, viram que precisavam falar dentro do município da questão racial do ser negro. Este era uma questão que poucos conseguiam falar. O Coletivo da Juventude deram um passo

⁴ O preconceito de origem é quando para a classificação do indivíduo basta a suposição ou a certeza de que o ele descende de certo grupo étnico para que sofra o racismo.

Preconceito de marca é quando o ser humano é classificado segundo a sua aparência, isso é os traços físicos do indivíduo, a cor, as suas manifestações, os seus gestos, a fisionomia, o seu sotaque.

⁵ Coletivo da Juventude Negra em Movimento: criado em outubro de 2013, por setes jovens do município, atualmente os coordenadores, e mais outros setes jovens que ajudam nas atividades. Atualmente não possui uma sede própria, os encontros do Coletivo são realizados nas casas dos coordenadores ou na Biblioteca municipal da cidade. As reuniões acontecem uma vez por semana. O Coletivo tem encontros semanais na Câmara dos Vereadores todas às terças feiras onde eles reivindicam políticas públicas para o povo negro da cidade. Além de realizar três atividades por ano.

inicial, era o começo. Nesses dados do IBGE não se sabia qual era o número exato de negros. Os dados registravam indicações de pardos e negros, que somavam juntas 98% da população. Sobre esse assunto, Santos; Molina Neto (2011, p. 518) argumenta que: “particularmente no âmbito educacional, essa questão está longe de ser entendida, por falta de uma reflexão profunda e pela pouca quantidade de estudos sobre o negro na educação brasileira”.

Assim o Coletivo foi formado exatamente por aqueles jovens que estavam insatisfeitos com o lugar do negro em São Francisco do Conde, com o intuito de disseminar a cultura negra no município. Em São Francisco do Conde já existia um grupo de jovem intitulado *Atitude Jovem*, mas que se desfez logo após a eleição de 2012, antes da criação do Coletivo da Juventude Negra em Movimento.

Não existia nenhum outro grupo preocupado com as temáticas raciais. Eram jovens que falavam de questões que não faziam parte das suas condições, enquanto negros, esse grupo discutia questões como a saúde, educação e o lazer, mas não havia uma preocupação e um espaço onde pudessem falar das questões e inquietações dos jovens negros da cidade. Eles não tinham em suas agendas e preocupação as questões da juventude negra. A Coletiva *Atitude Jovem* tratava de questões da juventude da cidade sem pensar no ser negro.

No princípio a população teve uma grande resistência em relação ao Coletivo quando o assunto era falar de questões da cultura negra, principalmente de como eles se entendiam enquanto negros e como a população entendia todo processo de colonização, porque a maioria das pessoas do município não entendem questões relacionadas com a África.

As pessoas não entendiam que a gente falava mais do Candomblé porque o Candomblé até então é a única religião que dialoga e fala da questão do negro, que foi uma religião de resistência criada pelos africanos escravizados no Brasil... Nos EUA a igreja evangélica foi a que mais levantaram à questão do negro, e aí as pessoas acreditavam que ao falar de ser negro você tinha que falar do Candomblé. A gente teve que fazer todo contorno em volta disso para **poder dialogar com a população**. (Joceline Bandeira, coordenadora do Coletivo da Juventude Negra em Movimento, SFC, entrevista realizada no dia 15 de setembro de 2016).

O Coletivo dialogava com os munícipes através de palestras nas escolas e eventos na cidade onde o foco principal era negritude.

Joceline contou ainda que depois da criação do Coletivo vieram à resistência por parte de outros coletivos de juventudes que já existiam na cidade, criticando o Coletivo da Juventude Negra em Movimento. As críticas ao Coletivo era de que eles estavam fazendo racismo inverso. Isso porque o Coletivo começou a dialogar com outros coletivos fora do

município e levou para São Francisco do Conde questões sobre a importância dos jovens da cidade se afirmar como negros, o reconhecimento e o combate ao racismo e da saúde negra.

O Coletivo da Juventude Negra em Movimento foi dialogando sobre a questão do negro nas escolas do município, mas a primeira escola que abriu as portas para eles foi à escola do Monte⁶ o Colégio Claudionor Batista, que deu ao Coletivo a oportunidade de poder dialogar com vários jovens da cidade, e levantar questões sobre os movimentos negros nessa escola, na escola. Em 2014, o Coletivo organizou na escola do Monte uma atividade denominada África fashion, esse evento foi muito importante porque o Coletivo conseguiu reunir os jovens da escola e perguntou o que é que eles entendiam sobre os negros, e incentivando os jovens a falar sobre as questões de estética, e as meninas alisavam cabelo para poderem colocar o mega-hair⁷ liso, porque elas achavam o cabelo crespo feio.

Mais de 20 jovens compõem o Coletivo, todos são moradores de São Francisco do Conde, e suas famílias são da cidade também.

Depois de tantos embates o Coletivo foi rompendo as resistências aos poucos, e trabalhou bastante com a estética negra no município, porque foi o método que o Coletivo mais usou para falar sobre a questão do negro no município falando constantemente sobre a estética negra, a partir do momento que as meninas e os meninos já estavam a deixar o seu cabelo crespo o coletivo, a trabalhar mais com eles fazendo perguntas do tipo: *o que significava o cabelo crespo para você? O que significa o sua vestimenta enquanto mulher e homem negro? O que você quer passar com isso, será que é só uma moda? O que é que fazia você alisar o seu cabelo antes, porque que você já não está alisa-lo agora? Hoje ta um pouco mais fácil para os jovens responderem essas questões, e se auto afirmarem como juventude negra.*

Tem uma boa parte de amigas minha que se acham brancas e se identificam como brancas e dizem que eu não iria me enquadrar no meio delas, o racismo delas é gritante, e eu não deixo passar nada eu falo mesmo na cara, tipo ta falando o que aí, vc ta querendo dizer o que aí com isso, ta falando do meu cabelo, ta achando que o seu cabelo é melhor que o meu? Vou falando mesmo na hora, começo já a desmistificar, eu criei um pouco de resistência e tal, porque quando elas encontram uma pessoa que bata de frente ai o racismo grita (Joceline Bandeira, coordenadora

⁶ Monte Recôncavo é uma comunidade sanfranciscana de origem quilombola. Onde ainda existe uma luta muito grande por parte da comunidade para preservar as tradições do município. Fonte: prefeitura municipal São Francisco do Conde\ <http://saofranciscodoconde.ba.gov.br/monte-reconcavo-celebra-tradicoes-e-realiza-a-esmola-cantada.aceso> no dia 21 de outubro de 2016.

⁷Mega-hair é um termo em inglês utilizado no Brasil para se referir a extensão de cabelo que é utilizado para alongar o cabelo, alongamento capilar. Em Angola é chamado de cabelo brasileiro ou tissagem. Fonte: https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=o+que+%C3%A9+mega+hair? Acesso no dia 21 de outubro de 2016

do Coletivo da Juventude Negra em Movimento, SFC, entrevista realizada no dia 15 de setembro de 2016).

Antes dos africanos chegarem à cidade o Coletivo achava que estava a conseguir dialogar com a juventude, mas depois da chegada dos africanos foi quando o Coletivo percebeu que não era bem assim, porque na verdade a juventude da cidade ainda não se entendia como o Coletivo esperava. A maioria dos africanos tem um tom de pele mais escura, e isso chocou os jovens da cidade, fez com que muitos jovens do município a pensarem que pelo facto de muitos terem *o tom de pele* mais clara que a de alguns africanos *que podiam tirar uma ondinha com os africanos*, do tipo “eu posso me sentir mais branco que eles”.

O Coletivo se viu obrigado a parar de falar por um tempo das questões de ser negros, e passou a falar então mais das *questões de cor*, e fazer os jovens da cidade entender que por uns serem mais claros que alguns estudantes africanos não lhes davam o direito de se sentir melhores ou superiores aos africanos. Depois o Coletivo começou a entender que tinha que voltar de novo para o diálogo com a juventude sobre a questão ser negro.

Na cidade tem pessoas que se aproveitam do colorido da pele para se acharem brancos, mas pode se notar pelos fenótipos que são pessoas negras, as pessoas precisam entender que ser negro vai muito além da cor da pele, o coletivo discute questões históricas de identidade e dada miscigenação no Brasil, e assim por diante, você pode até se afirma branca e vir dialogar com a gente, deste que vc reconheça a sua condição de privilégio que você estará sempre na frente da gente, o que pesa aqui no município é realmente o tom da pele eu vou me sentir melhor que vc porque o meu tom de pele é mais claro, na verdade essa é uma questão do Brasil toda a questão do colorido, porque o negro de São Francisco do Conde grita. (Joceline Bandeira, coordenadora do Coletivo da Juventude Negra em Movimento, SFC, entrevista realizada no dia 15 de setembro de 2016).

Muitos jovens estavam com *os africanos* do lado, mas momento nenhum se reconhecerem neles, eles sempre viam o africano como o *outro*, o *estrangeiro*, e muito deles ficavam amigos de africanos só mais para aparecerem e mostrar para a comunidade que tinham amigo africano.

Diante desse cenário, o Coletivo organizou várias reuniões onde se falou sobre “as imagens que a mídia passa da África”, onde sempre passa a África de pessoas desnutridas, com todo mundo passando fome. Tirar a ideia que o Brasil tem que dar de comer para os africanos era um dos objetivos do Coletivo na cidade. Mas depois da comunidade ver os africanos e começar a observar mais os hábitos, vestimentas, eles passaram a conhecer mais dos africanos, depois de saberem o que é a África, e que os africanos estavam a fazer

universidade deu aquele choque, e a sua maioria se questionou como é que aquele negro que é mais escuro que eu, e está a fazer uma universidade? Tem dinheiro para alugar uma casa, estão saindo para festas e eu não?

O povo da cidade começou a dizer que os africanos estavam a receber dinheiros da prefeitura quantias como mais de 3.000 reais. E o povo se revoltou contra os africanos e começaram as discriminações e as xenofobias, as pessoas de São Francisco do Conde tem isso com todas as pessoas de fora em geral, de Salvador, Santo Amaro etc.

Joceline reforça em sua entrevista o imaginário e atitudes em relação a presença dos africanos.

Mais com os africanos foi mais duro porque eles são negros com tom de pele mais escura, os Sanfranciscanos têm isso de falar que o forasteiro esta aqui dentro do nosso município, mas com outros forasteiros a galera fala por trás, porque a sua grande maioria tem um tom de pele mais clara, mas com os africanos eles pensam logo chegou os africanos já vão discutir, dizendo que estão a ganhar dinheiro aqui na cidade já quero que caia fora, comportamentos que eles não tinham com outras pessoas, eles falavam sim mais falavam mais nas escondidas, já com os africanos eles são mais duros , porque eu acredito que eles ainda não se enxergavam. (Joceline Bandeira, coordenada do Coletivo da Juventude Negra em Movimento, SFC, entrevista realizada no dia 15 de setembro de 2016).

Hoje eu acho que as coisas estão mais consolidadas, porque também veio brasileiro e as pessoas não acreditavam que eram brasileiros e ficavam na duvida é africano ou brasileiro? Ai a gente falava que eles que tinham que entender que tem pessoas brasileiras também com tom de pele mais escura, e vamos cair na real que tem também alguns africanos que vieram pra cá com um tom de pele mais clara, ai a gente já se aproveitou para discutir essas questões de tom de pele também. O Coletivo assume que não está fácil principalmente por causa da questão do choque das pessoas verem os africanos na cidade e não se identificarem neles e terem ainda muita resistência enxergavam (Joceline Bandeira, coordenada do Coletivo da Juventude Negra em Movimento, SFC, entrevista realizada no dia 15 de setembro de 2016).

Ate hoje a lei 10.639\03 tem resistência aqui dentro do município, porque tem jovens evangélicos que não querem estudar a lei, que se nega a fazer apresentações de trabalho que fala sobre a África na sala de aula, porque esses alunos acham que ao falarem da África terão que falar do candomblé. E o coletivo sabe que a cultura africana vai muito, além disso. (Joceline Bandeira, coordenada do Coletivo da Juventude Negra em Movimento, SFC, entrevista realizada no dia 15 de setembro de 2016).

Nós sabemos que qualquer estrangeiro antes de vir para o município seja dos EUA, da Itália, seja de onde for passa por uma serie de bateria de exames nos seus países de origem antes de entrar no Brasil e até agente aqui no Brasil para ir para qualquer lugar fora do Brasil a gente tem que passar por vários exames antes de sair do país, porque ninguém vai deixar uma pessoa doente sair de um país para o outro. (Joceline Bandeira, coordenada do Coletivo da Juventude Negra em Movimento, SFC, entrevista realizada no dia 15 de setembro de 2016).

Os africanos chegaram e tiveram que repetir todos os exames que já tinham feitos os seus países e fazer outros mais, porque para o africano as pessoas sempre vão olhar de uma forma diferente do tipo estão com uma doença grave.

Quando surgiu o surto da epidemia da Ébola⁸ em 2014 na República da Guiné Conacri, e depois se espalhou em alguns países da África, como Serra Leoa, Nigéria, e mais tarde se alastrou também para a República Democrática do Congo, os africanos sofreram mais discriminações, por parte da população que dizia que todos estavam contaminados com a doença e que iriam contaminar também o município, surgiram falas como de alguns moradores dizendo que os estudantes africanos precisavam voltar para os seus países de origem, ou ficarem em quarentena, que o pessoal da saúde deveria sair colando nas portas das casas dos africanos exames que mostrava quem realmente não estava contaminado. Os estudantes africanos começaram a ir às escolas do município e distritos dar palestras e falar mais do continente, mostrar mais da cultura africana.

Enquanto departamento de igualdade racial, nós estamos inserindo todas essas questões de políticas públicas e afirmativas em todas as áreas, porque nós somos um departamento Inter setorial e trabalhamos com todas as secretarias d município. Enquanto nós pudermos estar inseridos em todas as secretarias do município, não nos cansaremos de levar e falar sobre as questões da população negra na cidade. A nossa parceria principal agora é a que temos com a unilab, a nossa aposta maior e principalmente está toda voltada para a unilab. Outro. (Joceline Bandeira, coordenada do Coletivo da Juventude Negra em Movimento, SFC, entrevista realizada no dia 15 de setembro de 2016).

Esse ano (2016) por causa das eleições o Coletivo está com os projetos meio parado, porque o Coletivo não se envolve com os movimentos políticos, ele foi criado só para tratar de assuntos que têm haver com a juventude negra.

O Coletivo tem vários projetos que iram abordar a questão racial e a questão de se entender enquanto negro no município, porque até então ainda existe uma reprodução em relação ao tom da pele por parte dos munícipes em relação aos africanos, e de certa forma o Coletivo não condena essas pessoas porque o branco já condena o negro pelo simples fato de ser negro, então qualquer oportunidade que o

⁸Epidemia da Ébola, uma doença grave, muitas vezes fatal, conhecida também como febre hemorrágica Ébola. A doença afeta os seres humanos e primatas como macacos, gorilas e chimpanzés. Fonte: portal da saúde do SUS. \ <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/links-de-interesse/1068-ebola/14567-o-que-e-a-doenca-causada-pelo-virus-ebola>. Acesso no dia 21 de outubro de 2016.

negro tiver de se passar como branco ou como alguém com o tom de pele mais clara que o negro africano ele simplesmente reproduz na cidade. (Joceline Bandeira, coordenada da pasta da juventude negra, SFC, entrevista realizada no dia 15 de setembro de 2016).

3 A CHEGADA DOS ESTUDANTES AFRICANOS EM SÃO FRANCISCO DO CONDE O ESTRANHAMENTO

Segundo argumenta Langa (2012) “o continente africano apresenta o maior contingente de estudantes, com 20 países que enviam estudantes todos os anos. Em 2010 haviam ingressado nas universidades federais e estaduais brasileiras, cerca de, 383 estudantes africanos, na sua maioria, oriundos de Guiné-Bissau, Cabo-Verde e Angola”. O Brasil é um país com um grupo de estudantes africano muito grande. Os primeiros estudantes africanos chegaram ao município de São Francisco do Conde no mês de Abril, no ano de 2014, com a chegada da UNILAB, com a sua sede inaugurada em maio de 2010, em Redenção, município do interior do Estado do Ceará.

São estes estudantes africanos oriundos dos países do PALOP: Angola, Cabo Verde, Guine Bissau, Moçambique, e São Tome e Príncipe. Na primeira entrada havia uma angolana, uma Santomense, um Moçambicano cinco Cabo-verdianos e quarenta e sete guineenses. Os primeiros grupos de imigrantes africanos em São Francisco do Conde vieram somente para estudar na UNILAB.

Tabela 2 - Perfil das entradas dos estudantes estrangeiros – país de origem e ano de entrada.

PAÍS DE ORIGEM	2014.1	2014.3	2015.1	2015.3
ANGOLA	01	-	-	10
CABO VERDE	05	03	-	03
GUINÉ-BISSAU	47	19	19	15
MOÇAMBIQUE	01	-	-	-
SÃO TOMÉ E PRÍNCÍPE	01	01	-	03
TIMOR LESTE	-	-	-	-
TOTAL	55	23	19	32

Fonte: Pró-reitoria de Políticas de Assistências Estudantil (PROPAE), Campus dos Malês Campus dos Malês, 2016.

Por outro lado, a imigração massiva de africanos no início do século XXI também foi impulsionada pelo discurso governamental do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e de suas várias viagens de “aproximação” à África, fortalecendo novas relações sociais e econômicas com o continente africano, particularmente no ensino superior, através de estágios profissionais, bolsas de estudo, cooperação e convênios nos quais, estudantes africanos vêm estudar no Brasil, e não só. (LANGA, 2012.)

A chegada desses estudantes não foi um *mar de rosas*, porque o município não estava preparado para receber os estudantes, em termos de conhecimento sobre a África, por parte dos munícipes; o que gerou um grande estranhamento, da mesma forma, os estudantes africanos também, na sua maioria, não foram preparados nos seus respectivos países de origem sobre o que era o Brasil e sua realidade. Mas será que o motivo para tanto estranhamento na cidade foi mesmo só a falta de preparo dos munícipes em relação ao que era a África ou os africanos e as africanas? Porque, para muitos brasileiros, mesmo sabendo o que é África ou africanos nunca esperam um comportamento “civilizado” de um africano, porque por mais que eles tenham a informação sobre alguns países africanos, suas realidades e os modos de vida, ainda assim se comportam como se não fosse verdade tudo aquilo que aprenderam sobre África.

Mas cabe salientar que a nossa chegada foi muito bem preparada pelas autoridades universitárias responsáveis pelo restaurante. Elas esperavam pessoas que vinham diretamente das florestas africanas para a vida urbana, pessoas que talvez não soubessem o que é uma cidade, sem nenhum contato com a « civilização ». No restaurante, muitos estudantes e funcionários nos observavam para se certificar se sabíamos usar um dos « instrumentos da civilização » comer à mesa. (KALY, 2001, p.115)

Em contrapartida, a maioria dos estudantes africanos chegou a São Francisco do Conde com a imagem do Brasil passada pela mídia (novelas e programas televisivos), mas na verdade não tinham noção do que iriam encontrar no Brasil, muito menos na realidade de um município interiorano do nordeste brasileiro.

Além do estranhamento, os estudantes africanos se depararam com outros problemas na cidade, a exemplo do acesso a moradia. O município não estava preparado, em termos de infraestrutura, para receber um número grande de moradores vindos de fora, mesmo morando em grupos de dois ou mais pessoas, a moradia ainda continua sendo um problema para os estudantes. Entretanto, um dos maiores problemas enfrentados pelos estudantes é a falta de lazer e comércio na cidade sendo que a sua maioria, alguns destes estudantes estrangeiros vieram de *zonas urbanas* nos seus países, e estavam acostumados com um padrão de vida e rotina bem diferentes das encontradas em São Francisco do Conde.

Muitos ao chegarem a São Francisco do Conde tiveram um choque muito grande, porque os brasileiros já têm um estranhamento aparentemente “natural”, acerca dos africanos mesmo sem os conhecer. Quando na verdade esse estranhamento só é o resultado dos processos sociais e histórico-culturais vividos no Brasil. Os africanos, por sua vez, pensam

que ao chegarem ao Brasil se identificariam com tudo e seriam logo aceitos como um deles na sociedade, como um irmão, porém o contato e interação geraram estranhamentos, recusas e negações ao descobrirem que são vistos como outro⁹. *A apesar de uma história em comum* (a escravidão), o Brasil não reconhece os países africanos da CPLP como irmãos.

O fator de ser africano também é um estranhamento sofrido por parte dos brasileiros, os estudantes africanos ao chegarem no Brasil deparam- se com a questão das classificações de ser mais africano para quem usa as vestimentas tradicionais da África e os menos africanos quando se usa “roupas ocidentais”. Em suas pesquisas Langa observa estas relações e classificações como podemos ver nos trechos a baixo:

Já os africanos que se vestem de modo formal ou ao estilo ocidental, ou que se expressam bem nas línguas portuguesas, inglesa e francesa, são vistos com outro extremo, como querendo se fazer de brancos, passam por indivíduos desviantes, tidos menos africanos, ocidentalizados e ou sem identidade própria. (LANGA, 2012, p.05)

Mas os estudantes africanos sentem-se muito discriminados ao perceberem que a roupa também é um fator usado como um dos motivos do estranhamento. Para a sociedade Sanfranciscana o africano representa roupas coloridas, estampas africanas, ou então para muitos deles, o africano anda sem roupa. Ver os estudantes aqui na cidade com *roupas europeias*, ou melhor, ” modernas” foi um espanto grande, até a própria língua em comum os Sanfranciscanos não sabiam.

O desconhecimento sobre a existência de que há alguns países africanos onde falam o português. Os munícipes não conhecem a cultura africana, e a imagem que eles têm da África lhes é passada pela mídia brasileira de uma forma totalmente distorcida. Então, eles têm uma visão bem generalizada do africano, onde a África é sempre vista como um lugar sem história, sem nada para oferecer para o mundo, e os africanos até saírem dos seus países de origem muitos deles não imaginavam o que lhes esperava nas terras brasileiras, como dito aqui o choque de estar na posição do *outro* é muito grande. Porque eles são tratados de forma muito estranha pelos brasileiros, que nunca veem o africano como um cidadão normal sempre como alguém que vem de lá, no caso de África sempre, são os africanos. Se fosse um estrangeiro branco, europeu e ou de outros lugares a relação não seria a mesma, e sim o

⁹ O outro é o estrangeiro (africano) que ao sair de seu país de origem é sempre visto como uma pessoa estranha no Brasil e não só, nunca é aceite totalmente dentro da sociedade como um cidadão brasileiro, por mais que decida permanecer no território brasileiro com residência ou até formar família, mesmo adquirindo Nacionalidade, sempre será visto como o *africano*, o estrangeiro e jamais como um brasileiro.

tratamento seria muito melhor. Durante a realização da pesquisa de campo consegui entrevistar seis estudantes africanos, de entradas e países diferentes.

Procurei começar as entrevistas assim porque achei que teria uma grande diferença nas falas, e na verdade foi isso mesmo que aconteceu, durante as entrevistas notei que o estudante da primeira entrada tinha sofrido mais estranhamento e preconceito, sendo que o primeiro contato que os Sanfranciscanos tiveram com os africanos foi mantido com o primeiro grupo que chegou à cidade. E também notei uma diferença nas falas dos próprios estudantes em relação ao país de origem, os relatos de cada estudante africano variam muito de país pra país, das experiências trazidas dos seus países, por exemplo, a estudante de Guine Bissau, que chegou na terceira entrada teve o relato mais chocante, ela demonstrou está mais afetada com o tratamento de estranhamento sofrido na cidade em relação aos outros estudantes, isso porque no seu país de origem ela nunca tinha passado por uma situação semelhante, e também nunca imaginou que ao sair do seu país ficaria numa posição de africana e não como guineense.

O meu maior estranhamento ao chegar aqui foi o preconceito desse povo, gritando na Rua angolana, falar coisas que eu nunca imaginava ouvir. Aí você entende que eles não sabem nada praticamente sobre a África, na verdade eles nem tem noção do continente africano, o povo só conhece a África acompanhando as notícias que a mídia brasileira passa. Eu particularmente não sei onde é que a mídia brasileira sai com essas notícias, foi muito chocante pra mim, a cultura que eles têm também aqui é muito estranha pra mim. Na TV eu via o povo todo arrumado, mais aqui eu vejo o povo todo sujo, andar sem camisa, sem sandália, ate às 10h da noite. Eu vejo as crianças brincando sujo sem roupa, sem sapato, foi mesmo muito estranho e chato. (Maria Fernandes¹⁰, estudante da Guine Bissau, entrevista realizada no dia 30 de abril de 2016).

O estudante de São Tome e Príncipe que chegou à segunda entrada, mostrou não ter sofrido tanto estranhamento na cidade por vários motivos. Um destes motivos teria sido o *tom de pele*. E ele relatou que já havia sido confundido muitas vezes com brasileiro tanto por parte dos Sanfranciscanos quanto por parte dos próprios africanos, ao ponto de passar despercebido na cidade e não só. Ele alegou sofrer estranhamento apenas quando abre a boca pra falar, aí sim ele se sente muito constrangido com a situação. Como argumenta Kaly (2001), "[...] na maioria dos casos, o tratamento está relacionado com a tonalidade da cor da pele. Quanto mais escura é esta, pior é o tratamento".

¹⁰ Maria Fernandes, nome fictício de uma estudante da Guine Bissau, do curso de Humanidades, da terceira entrada, 20 anos de idade, órfã de pai, tem cinco irmãos dos quais duas em Portugal, um em Ceara\Brasil, e duas outras irmãs morando na Guine Bissau e já no mercado de trabalho. Nunca tinha saído do continente africano, mas antes de vir para o Brasil já conhecia o Senegal e Cabo Verde.

Eu ainda tenho certa reserva de São Francisco do Conde, às vezes quando eu ando na rua sinto como se a rua não fosse minha, como se eu fosse **o outro**, que está caminhando, isso não é por causa das pessoas da cidade, mas sim é **algo mais pessoal** mesmo, eu é que não consigo me identificar como pertencente do lugar, já vivo aqui a um ano, então isso é um processo, talvez daqui a alguns tempos eu consiga encarar de outra forma. Até agora a minha adaptação tem sido boa... Depois de eu passar no texto da Unilab eu fiz umas pesquisas básicas no *Google* sobre a cidade de São Francisco, do Conde, e apareceram umas imagens muito bonitas, e não aquelas imagens ruins, tipo favelas. Vi a orla toda linda e eu fiquei logo feliz. Nossa parece que eu vou para um paraíso, onde tem mar e muito mais (Lauro Cardoso¹¹, estudante de São Tomé e Príncipe, entrevista realizada no dia 01 de maio de 2016).

O estudante de Cabo Verde que veio na primeira entrada comparou o estranhamento sofrido na cidade com xenofobia e afirmou já ter sofrido no seu país de origem situação semelhante de estranhamento, onde ele chamou de xenofobia, quando ele foi para outra ilha, isso no seu país, ele era visto como o outro sempre, mas lá ele sabia que tinha a família e os amigos pra apoiar então era mais fácil de lhe dar com a situação, já em São Francisco do Conde se sentiu mais discriminado por saber que estava muito longe do país, da família e de tudo. Também relatou que várias vezes já passou por brasileiro da cidade (porque na cidade há esta demarcação de brasileiros da cidade e brasileiros que não da cidade), por causa de seu tom de pele, e só ao falar que ele é logo identificado com o outro, *o africano*, então isso mostra que pelo fato da Bahia\São Francisco do Conde ter um grande número de negros as pessoas não identificam logo uma pessoa negra como *o africano*, mas a identificação só surge na língua ou sotaque e na diferença de hábitos e costumes . o povo Sanfranciscanos conseguem identificar quem vem de fora seja ele africano ou não:

Eu não me senti discriminado na cidade, mas sim a questão de xenofobia, porque quando nós estamos num lugar, tipo um bar e você faz um pedido, e não estiver em boa qualidade ou o lugar não tiver higiene, é só você reclamar a pessoa já responde então o que você está a fazer aqui, volta para o seu país, aí já aparece a xenofobia, por você ser estrangeiro não podes criticar nada e sim só aceitar como se eles estivessem te ajudando, fazendo um favor para nós, enquanto que você vai pagar o seu dinheiro, mesmo assim para eles você tem que consumir mesmo assim sem

¹¹Lauro Cardoso, estudante de São Tomé e Príncipe, do curso de Humanidades, da segunda entrada, 25 anos de idade, Filho de Etelvina Maria de Assunção, técnica de farmácia, e de Jose Fernandes Rosa Cardoso, consultor de marketing de Relações Internacionais, os dois estão vivos, tem dois irmãos um de 29 anos que está em Portugal e outro de dois anos que mora mesmo em São Tome. Nunca tinha saído do meu País de origem antes de vir para o Brasil.

reclamar, isso porque se reclamar você não é daqui. (Danilson Veigas¹², estudante de Cabo Verde, entrevista realizada no dia 03 de maio de 2016).

Os estudantes relatam que um dos incômodos sentidos por eles é a falta de conhecimento dos Sanfranciscanos dos países africanos, principalmente os PALOP, onde todos eles são conhecidos e chamados na rua de *angolanos e angolanas*. *Isso é muito chato diz um estudante da Guine Bissau*. Os munícipes não conhecem os países africanos, África para eles é só Angola, se não és *angolano* logo és *africano*, e nunca te chamam com o verdadeiro nome da sua nacionalidade.

Mesmo com a aprovação da Lei 10.639\03, nos mais de dez anos de existência, que torna obrigatório o ensino da história e cultura da África no Brasil, os Sanfranciscanos ainda continuam com um desconhecimento do continente. Uma das hipóteses para esse problema pode estar na própria Lei, porque já se passaram 13 anos desde a sua aprovação, porém ainda não gerou os efeitos desejados na dimensão que esse problema tem. No que pude observar e nas conversas com os moradores do município, as escolas até hoje não ensinam sobre história de África para os seus alunos de forma crítica sem afirmar estereótipos, o que se dá por falta de conhecimento dos próprios professores e coordenadores.

Sobre a experiência de estudar em São Francisco do Conde (UNILAB), os estudantes africanos consideram positivos, mesmo com o estranhamento e preconceitos sofridos na cidade, porque para eles olhar mais pra as coisas positivas é que vale mais a pena, mesmo tendo sofrido muito com o tratamento recebido na cidade, mas eles consideram que as experiências mesmo tendo vários aspectos negativos não podem deixar de olhar para os ganhos.

A experiência de viver em São Francisco do Conde é única, porque acho que o que eu vivi aqui não encontrarei mais em outros lugares, apesar de alguns estranhamentos e dificuldades, considero uma experiência boa e rica, porque viver aqui me fez ver várias coisas, e valorizá-las e quando eu voltar pro meu país vou valorizá-las porque vi que muitas das coisas também faziam parte da minha realidade e eu não valorizava, e descartava. (Danilson Veigas, estudante de Cabo Verde, entrevista realizada no dia 03 de maio de 2016).

¹² Danilson Veigas, estudante de Cabo Verde, do curso de Humanidades, da primeira entrada, 26 anos de idades, filho de Maria Filomena Borres Gonçalves, educadora infantil da creche e de Mario Semedo da Veiga, pedreiro, estão separados, os dois estão vivos, tem quadro irmãos de mãe e Pai, e mais seis só por parte de Pai, todos eles também moram em Cabo Verde, e nunca sair do País, uns estão a fazer universidade e outra formação profissional. Nunca tinha saído do seu País de origem antes de vir para o Brasil, mas já tive a oportunidade de ir para Portuga.

Para Gusmão (2008), o que os estudantes chamam de privilégio ou benefício têm a ver com mecanismos legais, como acordos bilaterais e proteção internacional que vem por partes de alguns órgãos, e também por causa das “facilidades de acesso á educação, como exemplo o de nível superior, em função de acordos internacionais feitos entre o Brasil e os países africanos”.

Porque muitos dos estudantes africanos nos seus países de origem não têm acesso fácil à universidade, uns porque a procura lá é maior que a oferta, outros por falta de condições financeiras para custear as mensalidades, e outros por existir poucas universidades no país, como afirma Langa (2012), “a partir de 1998, ocorre à imigração de estudantes guineenses, devido à instabilidade sócia político-econômica daquele país, aliada à existência de apenas uma instituição de ensino superior”. Os estudantes veem-se obrigados a sair dos seus países e correr atrás dos seus sonhos, que muita das vezes, só se torna possíveis atrás dos acordos bilaterais e de parcerias existentes entre os governos de alguns países africanos com o Brasil.

3.1 O SER NEGRO E AFRICANO EM SÃO FRANCISCO DO CONDE O SER AFRICANO EM SEU PAÍS DE ORIGEM.

Segundo Kaly (2001, p. 110), “as migrações de africanos para o continente americano começaram no século XVI e vão se estender até o século XIX, quando se deu a abolição da escravatura”.

Nas Falas do Kaly (2001, p.110), No século XVI os migrantes africanos foram trazidos à força para as Américas, essas migrações forçadas encurtou as distancias transatlânticas entre Brasil e África, e tornou suas histórias imbricadas e complementares em determinadas temáticas.

Mas atualmente os africanos vêm para o Brasil nas condições de estudantes e de livre vontade, e não mais através de migrações forçadas. Deixando para trás suas famílias, amigos, cidades e muito mais. São jovens que têm o Brasil como um lugar para concretizar o sonho da formação acadêmica, já que muitos deles não têm essa oportunidade nos seus países. Chegando aqui são reduzidos á categoria de monogrupo *o africano*, e não com as suas nacionalidades respetivas, as suas diversidades culturais, linguísticas e étnicas são eliminadas.

Ser negro no Brasil é ser discriminado, estereotipado e ser visto sempre como o *outro*, quem não tem a capacidade de ocupar lugares de prestígio dentro da sociedade, e ser

negro africano parece outros desafios. Além de serem negros e carregarem todos esses estereótipos, os africanos e as africanas ainda ocupam a classificação geral de o *africano*, isso é, aquele que é o “selvagem”, o atrasado, uma generalização do continente africano, como se os africanos fossem pertencentes a uma só cultura e fossem uma só coisa, e tudo de ruim que se possa imaginar, então o negro africano sofre racismo, preconceito duas vezes, primeiro por ser negro dentro de uma sociedade racista com um presente e persistente ideologia do branqueamento e em segundo lugar por ser africano termo este que já carrega marcas e representações muito fortemente estigmatizadas e negativas no Brasil.

Nos países de origem de muitos dos nossos entrevistados, o negro africano não precisa se afirmar pra ser reconhecido e ocupar lugares de prestígio, porque nos países do PALOP, para se ocupar esses lugares de prestígio existem outros aspectos de desigualdade, como exemplo temos o caso de Angola, onde os aspectos, o elemento de diferenciação que produzem as desigualdades baseasse em primeiro lugar na formação qualificada do indivíduo, onde ele tem que provar que está preparado para ocupar o cargo desejado. Cabe salientar que em algumas ocasiões também ocorrem à famosa gasosa, ou seja, quando ocorre a compra de uma vaga por uma pessoa não qualificada, ou ele é colocado por um parente para ocupar um lugar de prestígio.

Ser negro no seu país de origem, isso nunca passou na cabeça da maioria das pessoas no seu país de origem porque lá as pessoas sabem que são africanos e essas categorias já vem junto com o ser negro. **Somos africanos logo somos negros e iguais**, mas chegar ao Brasil e descobrir-se como negro por causa do preconceito e racismo é muito doloroso. (Maria Fernandes, estudante da Guiné Bissau, entrevista realizada no dia 30 de abril de 2016).

As relações entre africanos negros e brancos (os africanos de pele branca) em alguns países africanos, particularmente em Angola são cordiais e também conflituosas. Todos são iguais perante a Lei, com os mesmo direitos e deveres, independentemente da religião, cor da pele e status social. Segundo Gorge (2006, p. 6), “é, pois, necessário reconhecer a diversidade étnica da Nação e, sobretudo, afirmar o princípio segundo o qual não existe, no território angolano, uma etnia dominante”.

No domínio étnico, trata-se de reconhecer o direito à diferença, às diferentes componentes da Nação. A ideia central que comanda tal ação é o postulado seguinte: os membros da nação são, simultaneamente, iguais e diferentes. Se eles são iguais perante a lei, eles são diferentes quanto às origens, às culturas e às psicologias. É, pois, necessário reconhecer a diversidade étnica da Nação e, sobretudo, afirmar o princípio segundo o qual não existe, no território angolano, uma etnia dominante. (GORGE, 2006, p. 6),

A maioria dos estudantes africanos afirmou que no seu país de origem não precisam se auto afirmar como negros, mas sim ele tem é que lutar para ocupar um lugar melhor na sociedade, como qualquer outro cidadão. Lá eles não têm as questões raciais encontradas aqui no Brasil. O choque diante dessa demanda de ter de se auto afirmar nasce aqui e a partir desse choque também **surge a questão do que é ser africano**, porque os estudantes africanos dentro dos seus países sabem que são angolanos, cabo-verdianos, etc., logo é africano, mas chegar no Brasil e vivenciar uma realidade muito diferente do habitual levou muitos dos estudantes a pensar muito do que realmente significa ser africano, agora com um olhar de fora para dentro, o que tem possibilitado muitos a se conhecerem melhor e entender que ser africano no Brasil é muito diferente de ser africano dentro do continente.

Os estudantes relatam que a experiência de chegar ao Brasil pela primeira vez foi muito marcante e difícil, diz uma estudante da Guine, Maria Fernandes: *“já na nossa chegada ao aeroporto de Salvador os olhares das pessoas muito estranhos, eles olhavam para mim e já sabia que eu era estrangeira, um olhar meio chato, que me deixou muito incomodada”*.

Kaly (2001) se questiona no seu artigo sobre ser preto africano no Brasil, será que ainda hoje o preto deveria viajar nos porões dos navios, da forma como foram trazidos os seus antepassados acorrentados, para não se tornarem suspeitos de ser traficante e escapar das humilhações na hora do embarque? Para muitos, o preto deveria sim viajar até hoje nos porões dos navios como foram trazidos os seus antepassados.

Formado por pessoas que não querem dividir o mesmo espaço com pessoas negras, porque eles acreditam que os negros não merecem ocupar tais espaços. Através das falas da estudante africana e negra nos leva a ver como é difícil para o preto africano os primeiros momentos nas terras brasileiras, vendo que eles saem dos seus países sem saber como será o tratamento recebido no Brasil, ou mesmo saindo do seu país com a ingenuidade de que ao ir para Brasil não seria visto como outro e sim como um cidadão normal.

Segundo destaca Kaly (2001), um dos principais motivos que leva um número grande de estudantes africanos a escolherem Brasil para estudar é a suposta democracia racial que eles acreditam existir aqui. Mas ao chegarem ao Brasil e se depararem com constantes sofrimentos, em razão dos diferentes tipos de discriminação, está transformando esses estudantes em observadores muito atentos e também em novos investigadores da discriminação à brasileira.

Isso acontece na cidade, os estudantes criaram vários encontros para debater os temas que á discriminação e ao racismo no Brasil, em particular, a de negros e africanos, onde muitos africanos ganham coragem e tiram para fora tudo aquilo que veem guardando há muito tempo, dando relatos bem doloridos e constrangedores das discriminações e estranhamentos sofridos por eles na cidade, fazendo com que os outros colegas também se abram e assim todos tem trocado experiências e se tornando ativistas e observadores atentos ao racismo, com forme também observa Kaly (2001), e seus trabalhos. Essa ideia ainda presente da democracia racial do Brasil só é conhecida até agora fora do país porque fora continuam prevalecendo a essa ideia.

Nem sempre os Brasileiros conseguem distinguir quem é negro africano ou brasileiro. A dificuldade em lhe dar com este processo tem levado os estudantes que vieram para estudar ou manter residência viverem opressão.

No contexto brasileiro, o estudante saiu do seu país onde sempre recebeu um tratamento semelhante a qualquer outro cidadão de seu país com direitos e deveres comuns, mas ao chegar ao Brasil se deparam com um quadro diferente, que lhes tomam com várias questões que assolam a vida dos negros brasileiros, tais como: o racismo, a xenofobia, as lutas dos movimentos LGBT, do movimento negro e muito mais.

Tudo isso para o estudante africano é muito difícil de gerir, uma nova vida que leva tempo para se adaptar, porque se para o negro brasileiro pelo fato de ser afrodescendente já é o motivo para ele ser discriminada pela sociedade brasileira e sempre ser visto como o *outro*, o intruso, o não pertencente da sociedade brasileira, para o negro africano é pior ainda, porque para além de ser negro e automaticamente já adquirir o carma do negro no Brasil, ele também tem a sua condição de *africano* e por isso, sofre discriminação duas vezes na sociedade, conforme disse antes.

“Eu até não vinha mal vestido, com um short branco, uma blusa laranja, começaram a subir o vidro numa velocidade assim como se eu fosse fazer mal a eles, como se eu fosse assaltar, mas o que eu achei pior dessa história toda é que tinha uma criança no banco de trás, e ver uma cena dessas (...). Uma criança vendo isso... Já vai ficar com aquela imagem de que o negro só serve pra ser ladrão assim tudo de ruim é negro...”
MOURÃO (2003 apud GUSMAO, 2012).

Situações como esta descrita em cima acontecem todos os dias no Brasil com o negro brasileiro e principalmente com os estudantes africanos, basta ser negro e ter um tom de pele preta que sofre discriminações, racismo e preconceitos. “Nos países do PALOP, a maioria das vezes o jovem sofre preconceito por estar ‘mal vestido’, trajado com uma roupa não

apropriada para o lugar, ou mesmo por ser de classe social baixa. Mas no Brasil, na maioria dos casos não importa se é de classe média ou alta, e se está com uma roupa de grif, se for negro e africano logo é discriminado.

Podemos ver isso nos relatos Alain Kaly no seu artigo: O Ser Preto africano no « paraíso terrestre » brasileiro: Um sociólogo senegalês no Brasil, onde ele conta do constrangimento e da pior humilhação que passou por ser africano e preto, nas terras brasileiras, quando foi interpelado quando mostrava a passagem ao funcionário da companhia, cumprindo as formalidades, pelo gente da policial federal, que chefiava a operação caça o preto viajante, isso no aeroporto internacional do Rio de Janeiro no dia 22 de agosto de 2001, por estar a viajar pela companhia aérea da Air France, (companhia tida no país como a mais chique), Kaly (2001, p. 107), “eu era preto e africano, e só podia ser traficante, para dispor de condições financeiras que me permitissem viajar pela Air France” Muitas das vezes em São Francisco do Conde, os estudantes africanos passam por isso, e segundo as minhas observações na cidade e as falas dos meus entrevistados eles alegam passar por isso na cidade e no UNILAB.

Mais o estranhamento nem sempre vem só dos brancos brasileiros para o negro africano, vem também, conforme já sinalizamos linhas acima, negros brasileiros em São Francisco do Conde. Os negros da cidade reproduzem, achando-se na maioria das vezes superiores aos negros africanos como afirmaram muitos estudantes com os quais tenho conversado durante a pesquisa, assim como nas entrevistas realizadas.

Gusmão entrevista um estudante africano em Campinas que em suas inquietações diante deste processo de ter de se pensar como negro no Brasil e sobre a experiência da discriminação diz que o Brasil é excelente, também é um país duro de viver em termos de racismo. Esse mesmo estudante angolano entrevistado por Gusmão, ainda diz que para ele os estudantes africanos que aqui se encontram têm que ir atrás dos seus objetivos mesmo sabendo dos preconceitos existentes contra os africanos na cidade, por fim, ele afirma que os negros africanos não podem perder a força e se deixarem vencer pelo preconceito sofrido e se rejeitar ao ponto de ficar limitado. O estudante relata ainda que alguns amigos brasileiros negros quando surgir uma oportunidade esses amigos já se sentem superiores e ele.

Outros estudantes africanos ouvidos por Gusmão (2008) relatam que não entendem como um negro pode ter estranhamento em relação ao outro negro, os negros Sanfranciscanos simplesmente não se reconhecem nos negros africanos Gusmão (20), argumenta que o universo de preconceito, discriminação e do racismo não atingem só uma parte do Brasil, mas

sim todo Brasil. As falas dos estudantes africanos em São Francisco do Conde não deixam de fazer eco com as falas de outros estudantes africanos em todos os cantos do Brasil.

Gusmão (2008) “Ser negro no Brasil é muito difícil, só pelo fato de ter uma pele negra, as coisas da vida se tronam complicadas [...] “começando pela discriminação racial, impossibilitando a obtenção de emprego, o ingresso na universidade.” Se o negro no município já passa por tudo isso o negro e africano passa por isso e por muito mais.

Cê é *angolano* ou *africano*? A famosa pergunta clássica, em São Francisco do Conde. Quando GUSMAO (2008) afirma que as falas dos estudantes africanos no Brasil fazem um eco não podemos esquecer que nesse eco está também a referida frase. A maioria, ao mesmo todos africanos no município de São Francisco do Conde já ouviu mais de uma vez essa pergunta e a reação por incrível que pareça às reações são sempre as mesmas por parte dos estudantes, aquele espanto e a falta de reação leva o estudante a começar a entender até que ponto vai conhecimento dos moradores do município sobre o que é África.

Gusmão (2008), ainda afirma que na maioria das vezes o preconceito e o racismo também aparecem na forma como os brasileiros perguntam pelo mundo africano. Podemos ver isso nas falas de Kaly (2001, p. 113) quando ele argumente que: “Enquanto os estrangeiros europeus, asiáticos e norte-americanos são tratados a partir de suas nacionalidades próprias, os da África, não. Somos “africanos”, contudo o que isso carrega de negativo”.

Você vem da África? Mas lá falam português? La vocês têm carro, luz elétrica? Como você chegou aqui? De navio? Porque muitos assim, muitos amigos meus pensam assim: puxa lá em Angola ceis vivem em tribos, não sei que tal e tal, a gente fala não, nós temos o nosso dia a dia. É vivenciamos como aqui né. Lá existem também prédios, lá também dançamos, nos lá também bebemos. A vida lá é praticamente igual aqui, mas o brasileiro tem outra visão de como é a África. É essa a imagem que é passada, essa é a imagem que é passada né. “O pessoal nem tem outra imagem que caracterize realmente o mundo atual digamos” (GUSMAO, 2008).

Na cidade de São Francisco do Conde a situação não muda em nada em relação às perguntas. Os estudantes africanos sentem na pelo todos os dias o que é ser negro. Já nos seus países de origem os estudantes alegam não passar por constrangimentos do tipo, lá eles se sentem em casa, como afirma a estudante africana: Maria Fernandes: “no meu país eu nunca que seria tratado dessa forma os Sanfranciscanos não respeitam os africanos, no meu país eu sou muito respeitada e sempre ando de cabeça erguida pelas ruas, e aqui eu saíu para rua e

sempre de cabeça para baixo com medo de ser discriminada ou maltratada”.(Estudante da Guine Bissau, Maria Fernandes, entrevista realizada no dia 30 de 04 de 2016),

Os estudantes se decepcionam ao chegar ao Brasil porque segundo KALY (2001), o Brasil faz sonhar qualquer ser humano, seja ele homem ou mulher, de todos os cantos do mundo, não importando a religião ou opção sexual. Serem vistos e tratados de forma igualitária. Porém, o que vivenciam mostram inúmeros desafios... Sobre isso os estudantes africanos em São Francisco do Conde afirmam que eles não encontraram o Brasil dos sonhos e tiveram um grande choque ao chegar ao município.

Do Brasil eu tinha aquela imagem de São Paulo com prédios, as pessoas andarem, e o Rio de Janeiro, pão de açúcar, corcovado, aquela impressão que todas as mulheres são gostosas, essa é a imagem que a mídia mostra, e você fica com uma concepção do Brasil todo bonitinho, todo saradão, e quando na verdade os lados mais feios, entre aspa, são bem escondidos, agora já estou a par de algumas situações reais, se a imagem que eu tinha do Brasil antes de cá vir, mudou? Eu acho isso uma pergunta muito interessante, porque a imagem que eu tinha do Brasil mudou, eu passei a ver o Brasil de uma forma mais ampla, isso é uma forma mais positivado, aquela visão que você tinha de longe, quando você se aproximou do lugar, você sai daquela visão de longe e tem uma aproximação com um conhecimento de base do lugar e das pessoas, de uma forma mais dentro dessa possibilidade existe coisas positivas e negativas, não tem como fugir disso, só esse impacto que tive. Ao chegar aqui a minha imagem mudou mais nem tudo aqui me desagradou umas sim e outras não. (Lauro Cardoso, estudante Santomense, entrevista realizada no dia 1 de maio de 2016).

Nessa fala podemos ver um exemplo o que estudantes sonhavam antes de vir para o Brasil, que iriam encontrar tudo aquilo que a mídia passava sem tirar e nem acrescentar, mas ao chegar aqui veem outras realidades. Ser negro no seu país de origem é muito diferente de ser negro no Brasil, no Brasil você nunca sabe quem é negro, ou quem deve ser chamado de negro, porque aqui a negritude nem sempre está na cor da pele, mas sim são questões políticos, religiosos, de privilégios e muito mais, falas de um estudante angolano:

Ser negro no meu país e aqui é muito diferente mesmo... Risos, lá eu não passo nem a metade do que estou a passar aqui, lá eu sou gente, sou um cidadão como outro qualquer, lá eu tenho pai, mãe, uma família que me amam de verdade como eu sou, já aqui eu tenho que provar todos os dias para os brasileiros que eu sou negro, que eu posso aquilo, a minha capacidade está em questão toda hora e momento. (Paulo Tomás¹³, estudante de angolano, entrevista realizada no dia 20 de agosto de 2016).

¹³ Paulo Tomás, nome fictício de um estudante de Angola, do curso de Letras, da quarta entrada, 20 anos de idades, os pais estão vivos, tem quadro irmãos que moram em Angola. Nunca tinha saído do seu País de origem antes de vir para o Brasil.

Kaly (2001, p. 110), diz que “parece que o preto seja ele africano ou brasileiro está condenado a humilhações que veem de todos no Brasil”.

Nem todos os estudantes negros e africanos veem estudar no Brasil com bolsas do país ou vagas oferecidas pelo governo brasileiro nas universidades federais, como parece se consolidar no imaginário do país. Uma grande parte deles vêm Para Brasil por conta própria. Sobre isso Kaly (2001), destaca que, “entre os chamados estudantes africanos, cabe salientar que há também estudantes com *status* social mais elevado: os filhos de diplomatas credenciados no Brasil”, e não só tem estudantes africanos que nos seus países de origem são de famílias com status sociais muito elevados e logo possuem privilégios e reconhecimentos nos seus países de origem e chegam ao Brasil e na estadia no Brasil veem que os *status* sociais que possuíam nos seus países não lhes servem de nada no Brasil, que aqui eles são meramente negros, africanos ou angolanos sem nenhum reconhecimento, faz com que esses estudantes sintam na pele com muita crueldade o que é ser negro e africano no Brasil. Ainda em diálogo com Kaly (2001), ele afirma que “os estudantes africanos pretos recebem, basicamente, os tratamentos dispensados aos pretos brasileiros, isto é, são tratados como se fossem necessariamente pessoas pobres, analfabetas, perigosas, faveladas, ignorantes”.

E isso para um africano preto de família com posses é o fim é extremamente ofensivo. O mais agravante é que muitos negros brasileiros precisam descarregar o tratamento do racismo e da discriminação sofrida há décadas em alguém, e assim eles reproduzem o racismo nos africanos, achando-se superiores aos africanos, isso, ao menos, é o que observamos no cotidiano pelos estudantes africanos em São Francisco do Conde.

No capítulo seguinte continuo a olhar da experiência dos estudantes africanos em São Francisco do Conde, bem como na UNILAB, em particular direciono meu olhar para a experiência do estranhamento, do preconceito e do racismo vivenciado pelas mulheres africanas na cidade, os assédios sofridos por elas diariamente e como elas encaram essa situação no município.

4 GÊNERO, MULHERES, ATIVISMO, EMPODEIRAMENTO E FEMINISMO NEGRO EM SÃO FRANCISCO DO CONDE E NA UNILAB.

“A única coisa que diferencia as mulheres negras de qualquer outra é a oportunidade”.
(Viola Davis)

Os homens de São Francisco do Conde, nunca deixam uma mulher africana passar sem fazer comentários maldosos sobre sexo ou casamento. Até parece que nós só servimos para sermos sexualizada. (Núria Cá¹⁴, estudante guineense, entrevista feita no dia 02 de agosto de 2016).

Situações como a descrita acima é a realidade vivida pela maioria das estudantes e mulheres africanas em São Francisco do Conde, ser mulher e negra no Brasil já é difícil, então ser mulher negra e africana é mais difícil ainda, como argumenta Nogueira (2011, p. 44), “não podemos pensar o corpo da mulher negra, sem termos noção mínima da criação dessa categoria negra, onde está inserida essa mulher”. A mulher africana no município é quase sempre sexualizada pelos homens da cidade, nunca são vistas como uma mulher estudante e africana, sempre vistas como objeto sexual e de prazer.

Nenhuma mulher pode escapar, mas particularizando para a mulher negra, a tal “inferioridade nata”, relativa à diferença sexual, acaba por se sobrepôr, se somar a uma inferioridade relativa à questão, ou melhor, da necessidade de se convencer do seu direito de ser vista como um ser humano, com todas as prerrogativas e direitos que lhe concerne estar nessa categoria. (NOGUEIRA, p. 2011. p.45)

Os homens sanfranciscanos vêm à mulher africana como um objeto sexual, porque para a maioria deles a mulher africana é muito diferente da mulher brasileira, principalmente na sexualidade, pois eles demonstram certa “curiosidade” em relação à mulher africana, usando frases como: *ai que angolana linda, o que eu faço para ter uma angolana dessas lá em casa, se eu te pego...* E muito mais. O corpo da mulher africana sempre foi visto como um corpo só para prazer sexual desde a escravatura, quando os seus senhores tinham as esposas brancas para apresentar na sociedade e a mulher negra (escravizadas) desejo sexual; de certa forma isso continua prevalecendo até os tempos atuais, quando um jovem seja ele negro ou branco

¹⁴ Núria Cá, nome fictício de um estudante da Guiné Bissau, do curso de Letras, da quarta entrada, 24 anos de idades, os pais estão vivos, tem seis irmãos que moram na Guiné. Nunca tinha saído do seu País de origem antes de vir para o Brasil.

idealiza que para casa e formar família tem que ser uma mulher branca, e a mulher negra ou africana para cama e pra ser a “outra”.

Nas falas das estudantes africanas recolhidas durante a pesquisa de campo elas alegam sofrerem assédio em São Francisco do Conde constantemente, desde a chegada delas ao município, e isso afeta bastante o psicológico delas; porque nos seus países de origem elas dizem não sofrerem assédio tão ostensivo e constrangedor como o que elas têm passado na cidade. Podemos ver isso na fala de uma estudante guineense quando nos diz que não consegue mais andar de cabeça erguida na cidade por medo dos olhares dos homens Sanfranciscanos.

Sempre que eu vou para rua sou assediada. Os homens dessa cidade chamam-me de vários nomes como: gostosa, linda, aí que mulher africana e muito mais. E isso para mim é muito novo e chato, e não são só homens jovens, mas também homens que têm idade de ser meus avôs ou pais e isso me deixa muito triste. (Núria cá, estudante guineense, entrevista feita no dia 02 de agosto de 2016).

E os homens do município dizem que as mulheres africanas são metidas, e que elas não aceitam namorar com eles, que só namoram com o homem africano igual, e em contra partida as mulheres africanas dizem que os homens brasileiros não levam nada a sério, que só gostam de ficar e não namorar; mas tem estudantes africanas que estão namorando com homens brasileiros.

As estudantes africanas relataram que andar nas ruas de São Francisco do Conde e não ser assediada é quase impossível, e sempre com constrangimentos. Como Exemplo tem a crônica:

Sai de casa para Unilab, no dia 05 de setembro. Para muitos seria apenas só mais um trajeto do dia a dia, mas para mim não foi bem assim, porque eu não iria para Universidade só para ter mais uma aula ou para almoçar, mas sim ia para Unilab para participar de uma oficina de escrita criativa realizada pela escritora Cidinha da Silva. Ainda no caminho eu pensativa ouvi uma voz, dizendo para mim: tá triste por quê? Eu não conhecia aquela voz, em seguida olhei para o outro lado e era um homem do município dentro de um carro, e ele perguntou de novo para mim: tá triste é? Abanando a cabeça e meio constrangida respondi que sim, e ele, em seguida, disse para mim: “*vem que eu te...*”. Não entendi o resto da frase porque não parei para ouvir o final. Pois não queria chegar atrasada na oficina de escrita criativa da escritora Cidinha. (informação pessoal)¹⁵

¹⁵Bendo M, D, L. Esboço de uma crônica escrita por mim, na oficina da Escrita Criativa, na UNILAB, em 2016.

E Por fim, esta realidade fora e dentro da UNILAB levou as estudantes africanas a criarem um coletivo que lhes ajudasse a dialogar estas questões e não só.

4.1 O COLETIVO DAS MULHERES AFRICANAS (CMA) E OS ESTUDANTES AFRICANOS NA UNILAB.

Diante dos inúmeros problemas encontrados no município e na própria Universidade, as estudantes africanas decidiram dar um basta e criar o CMA, Coletivo, que servisse como um lugar onde pudessem discutir questões da própria mulher africana. Os problemas vividos por elas na cidade e na própria Universidade, entender e trocar experiências, porque são mulheres africanas de diferentes países, logo com realidades regionais também diferentes.

CMA¹⁶, Coletivo de Mulheres Africanas, antes Mulheres Africanas e Afro-Brasileiras na Contemporaneidade, fundada no dia 16 de Outubro de 2015. É uma entidade civil de direito privado sem fins lucrativos, e duração por prazo indeterminado, com a sede provisória em universidade internacional da lusofonia afro-brasileira-UNILAB situada na Av. Juvenal Eugênio Queiroz – centro, CEP: 43900-000 São Francisco do Conde – Bahia, Brasil.

Os objetivos específicos: Ler e Debater sobre direitos das mulheres em África, com foco nos países africanos da língua oficial portuguesa-PALOP; Por outro lado, resgatar as memórias, história de vida e feitos das mulheres africanas que lutaram e resistiram desde época pré-colonial e até atualidade. E, por fim, também reformular e readequar os conceitos feministas nas realidades africanas.

Uma das missões do CMA é de dar apoio a mulheres vítimas de agressões, verbais, sexual, patrimoniais, físicas e econômicas; de Promover a participação e organização do Coletivo, na perspectiva da transformação da realidade sociopolítico, ética, econômica e ecológica para a construção de uma sociedade mais justa; e também de trabalhar em parceria com outros movimentos ou grupos de apoio as mulheres, mas não só.

As mulheres africanas nunca estiveram paradas diante das dificuldades e barreiras encontradas, criando assim organizações de mulheres, tendo cada país africano a sua organização social, como exemplo tem-se em Moçambique a OMM (Organização da Mulher

¹⁶ O CMA é uma entidade civil de direito privado sem fins lucrativos, e duração por prazo indeterminado, com a sede provisória em universidade internacional da lusofonia afro-brasileira-UNILAB situada na Av. Juvenal Eugênio Queiroz – centro, CEP: 43900-000 São Francisco do Conde – Bahia, Brasil.

Moçambicana), em Angola com a OMA (Organização da Mulher Angolana), organizações que velam pelos direitos da mulher dentro da sociedade.

Um dos motivos que também contribuiu para a criação desse Coletivo no âmbito da UNILAB foi às falas que circulavam dentro da própria Universidade por parte de algumas estudantes brasileiras ao afirmarem que todas as mulheres africanas são *submissas e paradas*. Isso não afetou tanto as mulheres africanas porque elas sabem que nunca foram paradas nem submissas, dentro da sociedade africana e não só, mais mesmo assim isso contribuiu para que elas quisessem ocupar o seu lugar dentro da Universidade e ter a sua própria voz, e não ter mais ninguém a falar por elas, porque elas sabem que não são só as mulheres brasileiras que pensam assim, mesmo dentro de algumas sociedades africanas surgem comentários do tipo.

Em muitas sociedades africanas essa é a realidade das mulheres e muitas delas também se deixam levar por esses comentários e se acham incapazes de fazer muitas coisas. Como afirma Amaral (2003, p. 158), “estou cansada de ouvir muitas mulheres dizerem que foram criadas para serem fracas e incapazes de atingirem o ponto mais alto do desenvolvimento intelectual”.

Mas o Coletivo também foi criado como forma de visibilidade da mulher africana dentro da Universidade, não para que umas falassem por outras, mas com o objetivo de dar voz para algumas estudantes africanas que se calavam por acomodação, porque muitas delas acham que esse tratamento recebido é natural, por isso não se juntam as outras para reivindicar os seus direitos, ou por medo de serem ouvidas, porque segundo Amaral (2003, p.155), em certa medida, pode ser verdade que algumas mulheres sofram do complexo de inferioridade, nascido de anos de socialização para a subordinação, mas dentro do Coletivo as estudantes africanas estão lutando para acabar com esses pensamentos e juntas conquistarem o lugar que lhes é desejado em todos os espaços. Sobre isso, Amaral (2003, p.155) em muitos lados a mulher já não se pensam inferiores ao homem.

Amaral (2003, p. 155), ainda argumenta que na realidade o problema básico das mulheres está na falta de oportunidades e acesso aos recursos que podem ajudar a melhorar os seus estatutos e daí a sua capacidade de ocupar e provar para os homens que elas também são capazes [...], e até os dias de hoje ainda continua a serem os homens que controlam esses recursos e a dominarem os sistemas onde são feitas as partilhas e a distribuição, e desproporcionando assim as mulheres [...].

A finalidade é conservá-las num estatuto de subordinação [...], estou consciente das dificuldades que os homens têm de enfrentar, quando consideram a possibilidade de

mulheres ganharem posições de influencia. Domina-os medo inevitável de que, sendo superiores ás mulheres, quando estas alcançarem o mesmo nível, eles cairão das posições elevadas que têm explorado ao longo dos tempos. (AMARAL, 2003, p. 156).

Segundo afirma Amaral (2003), “as Mulheres não precisam ser libertas porque nunca estiveram em sujeição”. A mulher africana sempre foi livre ao contrário do que se pensa no Brasil, que elas são submissas e sem voz própria, muito antes da escravidão a mulher africana já ocupava lugares de prestígio dentro da sociedade, como rainhas que dirigiam uma sociedade, e até os dias de hoje a mulher africana continua se destacando dentro das sociedades, mas não podemos negar que a mulher africana ainda tem muitos desafios para conquistar pela frente, porque tanto as mulheres africanas como as brasileiras são desvalorizadas dentro da sociedade, simplesmente por serem mulheres, os chamados sexos frágeis.

Segundo ainda argumenta Amaral (2003), que em muitos lados a mulher é considerada não estarem preparadas para ocupar grandes cargos de decisões na política, um discurso pouco convincente, tento em conta que muitos homens também não nasceram já qualificados para ocuparem esses cargos na política.

Para alguns homens africanos as mulheres não são capazes de falar por elas mesmas, e muitos estudantes africanos na Universidade vêm às reuniões do Coletivo como uma afronta contra eles e dizem que elas não vão arranjar maridos quando voltarem nos seus países de origem; alegam que elas estão simplesmente a copiar as mulheres brasileiras se fazendo de feministas, dizendo que essa não é uma realidade do continente ao ponto de proibirem as suas namoradas de participarem desses encontros, e muitas por medo de contrariá-los desistem de lutar pelos seus direitos, mesmo sabendo que elas podem e devem ter domínio sobre o seu corpo e suas vidas, ter voz própria e responder sempre por ela sem precisar de alguém que fale por ela.

Segundo a nigeriana Molará Ogundipe-Leslie, em entrevista de 1991 a várias escritoras africanas, a sociedade africana orientada pelo homem, reage de modo sexista usual, negando que haja uma opressão da mulher, glorificando um passado pré-colonial desconhecido em que as nossas mães africanas eram totalmente felizes, acusando as mulheres conscientemente activistas de serem vítimas de ideias acidentais e imitadoras das mulheres brancas [...] (AMARAL, 2003, p.154).

Mas as lutas das mulheres brasileiras não são iguais às lutas das mulheres africanas, porque as realidades vividas por elas não são iguais, ambas as partes enfrenta todos os dias

várias discriminações de gênero. Mas as mulheres africanas para além desse problema elas ainda enfrentam no Brasil o preconceito por serem mulheres africanas.

Acrescentava ainda que existia um compêndio de falsificações históricas e sociológicas, tudo com o objetivo de amedrontar as mulheres e reduzi-las a quietude, as mais corajosas, capazes de elevarem as suas vozes sociais e politicamente, são estigmatizadas. Os homens calam-nos porque ou não se importam conosco, ou odeia-nos. (AMARAL, 2003, p.154).

Algumas mulheres africanas no município têm sofrido muitas agressões tanto verbais quanto físicas por parte dos seus companheiros africanos e muitas delas se calam por vários motivos. E as que fazem queixam na delegacia e retiram depois por ouvir conselhos de terceiros também africanos ou porque se acertam com os seus parceiros.

No mês de agosto de 2016, por exemplo, aconteceu um caso de conflito entre um estudante da Guiné e uma estudante de Angola, depois de uma briga que possivelmente era pra ser uma conversa o estudante queria bater na colega, que foi impedido por outra colega. A menina ficou arrasada com o ocorrido e no dia seguinte foi à delegacia e prestou uma queixa contra o colega, o que gerou muitas falas contra a atitude da colega alegando que poderiam resolver de outra maneira, e indiretamente mostraram-se insatisfeitos com o caminho que as coisas estavam seguindo.

Em qualquer relacionamento seja ele afetivo ou acadêmico existe e vai sempre existir sempre conflitos, porque o ser humano não é unitário e nunca será sempre haverá opiniões diferentes e de interesses principalmente, os estudantes africanos e brasileiros dentro da universidade, têm se relacionado de várias formas: namorando, fazendo amizades verdadeiras, e também com muitos conflitos, como diz o ditado popular: se odiando e se amando.

Outro exemplo foi o caso ocorrido no dia 15 de 04 de 2016, quando teve uma manifestação feita pelos estudantes africanos dentro da Universidade (UNILAB), Campus do Malês, por causa de uma briga ocorrido um dia antes entre uma estudante brasileira e um estudante de Cabo Verde, que gerou muita turbulência entre os estudantes dentro da Universidade. A manifestação teve como principais objetivos reclamar o direito de ser tratado como ser humano, acabar com as generalizações que os estudantes africanos vêm sofrendo já há um tempo; tentar acabar com o racismo e a discriminação contra os africanos por parte de alguns estudantes brasileiros, dentro da Universidade e no município; acabar com as falas de que a mulher africana é submissa dentre outras.

Teve alguns brasileiros que se juntaram a manifestação e apoiaram os colegas africanos, manifestando também a sua solidariedade, como também alguns colegas brasileiros

contra a manifestação ao ponto de chamarem a manifestação de *palhaçada*, houve ataques morais das duas partes.

Essa não foi à primeira, nem a segunda briga entre um estudante africano e um brasileiro dentro ou fora da Universidade, já houve muitas outras, mas sempre que acontece um caso de briga o estudante africano é sempre o *vilão*, porque o brasileiro nunca é “culpado” sempre é o bonzinho, o, mas *civilizado*, digamos a vítima, o africano não pode isso, o africano fez isso, e por aí vai.

Sempre generalizando, se um Moçambicano se envolve numa briga ou outra situação qualquer, não será dito que o estudante Moçambicano fez ou não fez, mas sim o *africano*s, porque na realidade os africanos no Brasil nunca foram vistos como seres com personalidades diferentes, e sim sempre vistos como “seres humanos” unitariamente.

Mas entre estudantes africanos e brasileiros não existe só brigas, também existe muita coisa em comum que contribui para um bom relacionamento. Os estudantes africanos organizam todos os anos as festas das independências dos países que se encontram na UNILAB (PALOP), e nessas festas todos se divertem aí não existem brasileiro nem africano, nessas festas existem trocas de experiências, cultura e muito mais, entre os estudantes, toca musicas dos países africanos e também do brasil.

4.2 O ESTRANHAMENTO ENTRE AFRICANOS.

Encarando-os como homogêneos e oriundos de um mesmo país, os imigrantes africanos não se sentem iguais. Sentem-se diferentes uns em relação aos outros, diante de imigrantes de outros países e, até mesmo, quando pertencem a regiões distintas de um mesmo país, manifestando “estranhamento” uns em relação aos outros. (Langa, 2012).

Os estudantes africanos em São Francisco do Conde não são unitários. Existe certo estranhamento entre eles, porque são estudantes africanos de países diferentes, como o caso de Angola, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Guine Bissau, países de língua oficial portuguesa, mas mesmo assim não lhes fazem unitário, cada país tem a sua história, hábitos e costumes diferenciados, e ao chegarem ao Brasil os estudantes não estranham só os brasileiros e o seu contexto, mas também eles olham para o outro africano e muitas das vezes não se reconhecem neles e surge certo estranhamento entre eles. Segundo Gusmão (2006 *apud* LANGA, 2012), diz que eles não se veem como iguais, se estranham e se odeiam

mutuamente [...]. “Entretanto, os próprios africanos há distinções e hierarquizações” (Langa, 20012).

Langa (2012) argumenta ainda que: “Assim no cotidiano desta diáspora, emergem diferenças identitárias entre os próprios imigrantes que se distinguem, segundo o país de origem e seu nível de riqueza, região de origem (se é rural ou urbana), classe social, nível renda familiar e prestígio social”.

O país tem muita influência nesse estranhamento porque tem países que possuem um reconhecimento maior que os outros em termos de desenvolvimentos económico e infraestrutura como o caso de Angola que possui uma das maiores produções de petróleo da África e tem um prestígio muito grande dentro da União Africana (UA).

A experiência de morar com estudantes de outros países africanos, para uns é vista como negativa e muito chato, porque são pessoas que nunca tinham antes visto na vida, mesmo sendo do mesmo continente não partilham a mesma cultura e nem hábitos e costumes; e para outros como positiva, porque eles alegam existir nessa experiência troca de cultura entre vários estudantes africanos.

Com pessoas do seu país você fala a sua língua, está mais em casa; você tem mais vontade, por exemplo, de fazer uma comidinha do seu país toda semana; mas se você está a morar com pessoas de outro país, você faz a comida, mas nem sabe se eles gostam; você coloca uma musica de Cabo Verde, mas eles nem se interessam. O lado bom de morar com pessoas de outras nacionalidades é aprender sobre a cultura do outro, aprender sobre o outro, país do outro (Maura-Cabo Verde) [...] (SABUHANA, 2009. 117).

Os estudantes africanos sabem que não são unitários, mas que também tem muitos aspectos que lhes uni, pelo fato de serem africanos no município, por isso dentro da universidade se criou a Associação dos Estudantes e Amigos da África, abreviadamente designada por (ASEA)¹⁷, objetivando pura e simplesmente representar os estudantes, membros e defender os seus interesses, da política educativa, na elaboração de legislação sobre o ensino e nas atividades de ação social escolar, finalmente, as ações visa à aproximação mais efetiva entre os membros integrante na associação, em particular os estudantes africanos, estes com estatuto especial (estrangeirismo) no sentido de acompanhar seus cotidianos, no território brasileiro.

¹⁷ A ASEA foi originariamente criada pelos estudantes africanos da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), Campus do Malês em São Francisco de Conde, Bahia/Brasil, de caráter estudantil e científico, de direito privado, sem fins lucrativos, dotada de personalidade jurídica, com autonomias administrativas, financeira e patrimonial.

Dentro da própria ASEA existem estranhamentos e divergências, porque a associação é formada por membros de todos os países e sempre houve choques entre eles. Segundo Gusmao (2011, p.197), os estudantes africanos de acordo com vários contextos enfrentam maiores ou menores dificuldades para se estabelecerem e viverem longe dos seus parentes, e essas dificuldades também acontece com os brasileiros e também com os outros africanos de diversos países.

A língua é um dos fatores que leva ao estranhamento entre os estudantes africanos na cidade; mesmo sendo estudantes de países de língua oficial portuguesa, nem todos eles tem a mesma língua em comum como o caso dos cabo-verdianos e os guineenses que têm o crioulo como primeira língua, usada no seio familiar e no dia a dia, eles só aprendem o português na escola ao serem alfabetizados. A língua que eles usam para se comunicarem é o crioulo, e tanto na cidade quanto na própria Universidade eles falam o crioulo, e isso gera muito estranhamento por parte de outros estudantes africanos que não falam o crioulo como o caso de estudantes de Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Langa (2012) destaca “a língua se mostra o aspecto identitário mais visível no dia a dia dos africanos residentes no Ceará”.

Além da língua existem outras expressões identitárias que os diferenciam como as músicas, danças e vestimentas, alimentação, hábitos e costumes etc. Durante as festas nota-se esse estranhamento entre os estudantes africanos quando tocam as músicas e ritmos o *gumbé* da Guiné Bissau, o *kuduro* de Angola, o *funaná* de Cabo Verde e a *marrabenta* de Moçambique.

4.3 DE ONDE SOU AGORA? SOU DE LÁ OU DAQUI.

Hall (2011, p.11), ao tratar do processo de construção da identidade nos diz que: “a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade...” o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está a se tornar fragmentado; composto não de única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”.

A identidade nunca foi estável nem unificada, e em todas as sociedades elas sofrem transformações que levam o indivíduo a interagir com outras culturas, e para os estudantes africanos em São Francisco do Conde não é diferente. A experiência de estar fora da terra própria faz com que os estudantes africanos se vêem diante de várias culturas diferentes da sua.

Os processos de formação de quadros de nível superior e de políticas entre países diversos colocam em mobilidade jovens africanos de diferentes nacionalidades e

origens que buscam formação acadêmica, qualificação profissional e se beneficiam dos acordos bilaterais entre países. (GUSMAO, 2012, P.193)

Esses estudantes trazem na bagagem culturais, memórias, heranças familiares e muito mais, das quais foram marcadas, ao chegarem ao Brasil interagem com diversas culturas, segundo Hall (2011, p.52), “elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente ser assimilada por elas e sem perder completamente suas identidades” e tudo isso para os estudantes é muito confuso e difícil, muitos vieram de famílias que dizem ser tradicionais ou são de alguma religião que condena práticas de algumas sociedades; eles adquirem uma cultura híbrida. Hall (2011, p. 52), argumenta que “as pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural perdida ou de absolutismo étnico”.

De onde sou agora? É a pergunta feita pelos estudantes depois de trocarem culturas, hábitos e costumes com os brasileiros e africanos de outras nacionalidades, no Brasil, eles primeiro recebem *o status de africano*, segundo Gusmão (2011, p. 194) eles próprios, que mesmo sendo africanos dentro do continente não se pensavam como tal, e estando no Brasil eles assumam a designação africana, de modo a constituir uma identidade própria [...] argumenta Gusmão (2012, p. 195) “como relata Pedro, as falas, “muitas vezes contraditórias”, levam-nos a se afirmar “ora africanos, ora angolanos e ora se pensam cubanos; que são vistos ora como afro-brasileiros, ora como negros, ora como negros esquisitos” (2000, p. 16)”.

Porque esses estudantes dentro do continente são angolanos, moçambicanos, cabo-verdianos, guineenses e santomenses, e ainda tem as particularidades regionais dentro dos próprios países, como as etnias: balantas, fula, quimbundos, ovibundos, etc. E na cidade de São Francisco do Conde, são sempre vistos de forma homogênea, como uma só coisa o *africano*. Conforme destaca Hall ao ler as reflexões do Bauman que destaca que:

A etnia tem-se tornado uma das muitas categorias, símbolos ou totens, em torno dos quais comunidades flexíveis e livres de sanção são formadas e em relação às quais identidades individuais são construídas e afirmadas. (Bauman, 1990, p.167. apud HALL, 2011, p. 55).

Está fora do lugar ainda que seja temporário ou definitivo, dá ao *estudante africano* a sensação de já não saber o seu real pertencimento, vendo que eles não estão no seu país de origem sentem-se como se estivessem num lugar completamente estranho, porque no Brasil eles são apenas *africanos ou angolanos*, ao mesmo tempo tem o Brasil como um lugar de pertencimento também, pois os estudantes adquirirem novos hábitos e costumes que mesmo voltando em casa não serão vistos também como os mesmo indivíduos que um dia partiram,

eles também já não se sentirão pertencentes só aqueles lugares. Sobre este processo Gusmão (2011, p. 159). Destaca a questão, a saber: “*haveria um lugar de pertença*”? O que dizer quando seguem em férias ou em visita à casa dos pais e parentes e estes estranham seus modos, sotaques e atitudes? Para “Hall (2011. P. 52), esses africanos são produtos de novas diásporas criadas pelas migrações pós- coloniais”.

Quando eu cheguei aqui também estranhei as pessoas sim, porque as pessoas são diferentes os costumes deles também são diferentes não vou generalizar o povo brasileiro, mas falando dos sanfranciscanos que são os que eu tenho tido contato posso dizer que eles são muito ousados, não respeitam a privacidade da pessoa, eles chegam para você já falando o que eles quiserem, intervindo na sua vida, mesmo sem terem intimidade, às vezes eles nem te conhece mesmo, já no meu país a pessoa quando não te conhecem eles chegam até você com educação e vai fazendo amizade aos poucos até terem certa intimidade e ele puder falar para você certas coisa e isso não acontece aqui. (Denílson Veigas, estudante de Cabo-Verde, entrevista realizada no dia 03 de maio de 2016).

No princípio esse era o choque que os estudantes africanos tiveram ao chegarem a São Francisco do Conde, não se sentindo em casa e sim fora, mas com o tempo eles foram se integrando com a comunidade, fazendo amigos com os sanfranciscanos, e trocando experiências, hábitos e costumes e acabaram por adquirir novos comportamentos e postura, assim nem eles mesmos sabiam que não eram as mesmas pessoas, e que além de serem africanos já não possuíam uma só cultura e que eram seres híbridos. Segundo argumenta Langa (2012), para além da hibridização cultural que acontece e se assimila entre os estudantes africanos no cotidiano também ocorre trocas de culinárias, sexualidade, linguagem e forma de ser e de estar; e não somente nível de vestimenta e religiosidade.

E, por fim, destaco que essas trocas do cotidiano dos estudantes africanos têm o Brasil como um espaço de consolidação. Mas tem muita resistência por parte de alguns estudantes africanos no princípio até existir trocas na realidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudantes africanos sofrem estranhamento em São Francisco do Conde. Essa foi a temática em torno da qual me mobilizei para produzir este trabalho. Durante o trabalho de pesquisa desenvolvido tive a preocupação de entender o porquê desse estranhamento em relação aos estudantes africanos na cidade.

Este trabalho teve como objetivo geral fazer um breve estudo sobre a realidade dos estudantes africanos no município de São Francisco do Conde-Brasil, um município com 90% da população negra que mesmo assim não se reconhece como tal e vê o negro africano como o *outro* e com muito estranhamento. O foco da pesquisa foi o estranhamento que os estudantes africanos sofrem na cidade, com ênfase no preconceito, sobre a África e os africanos.

A experiência vivenciada por eles me fez passar por várias inquietações, emoções e perplexidade, porque trabalhei diretamente com os africanos e suas realidades do cotidiano na cidade, onde constatamos que o preconceito cultural, de cor e a falta de conhecimento sobre a África são apontados como as principais causas desse mal estar (estranhamento), de número considerável desses africanos em São Francisco do Conde, e muitos dos estudantes africanos dizem ter passado por situações constrangedoras simplesmente por serem africanos e por terem a pele mais escura que os Sanfranciscanos.

Vale ressaltar que alguns estudantes africanos afirmaram que por terem o tom de pele mais clara sempre passam despercebidos como brasileiros, e que por esse motivo não sofrem um estranhamento imediato. Esses mais claros só são identificados como africanos por causa do sotaque ou quando dizem. Os ambientes sociais tais como: sala de aula, supermercados, ruas, universidades, ônibus, igrejas, dentre outros, obrigam os estudantes a refletirem sobre o que é ser negro africano no Brasil e no seu país de origem. IMPANTA (2015, p.69), argumenta que: “Esse mal-estar se dá porque vêm de um país que não tem a obsessão de definir um sistema de classificação – sejam elas identidades culturais, étnico-linguísticas, raciais, regionais, sexuais etc.”

Esses estudantes financiam os seus estudos através de auxílios do Programa de Assistência Estudantil (PAES) do governo brasileiro, de parentes e pais. Os pais desses estudantes em sua maioria são funcionários do setor público e privado, e as mães desempregadas e donas de casa.

A questão da identidade foi tratada no trabalho de uma forma especial (mesmo que ainda de forma inicial) por acreditarmos que ela é fundamental para a formação do estudante africano, porque a identidade não é estável, mas sim ela está em constante movimento e ganhando ressignificações com as trocas de experiências e culturas entre os estudantes africanos de diferentes países e brasileiros na UNILAB, o que nos permitiu perceber que estes estudantes se identificam a partir de classificações distintas que se referem a distinções étnico-raciais, linguísticas que podem ou não se cruzar, como angolanos, guineenses, cabo-verdianos, santomenses e moçambicanos, ou seja, todos os estudantes africanos falam português, mas no caso dos estudantes cabo-verdianos e guineenses tem o crioulo como a língua de comunicação, mas usada no dia a dia, e isso dificulta na comunicação com outros estudantes africanos que só têm o português como a língua do cotidiano.

Neste trabalho o estranhamento, o preconceito, o racismo, as formas de sociabilidades, convivências, lugar de pertencimento, ressignificação e identidade entre os estudantes africanos tiveram atenção especial. A partir das entrevistas com os estudantes africanos na UNILAB percebemos que estes estudantes criaram redes de afinidades resultantes da convivência, na universidade e na cidade com os munícipes.

A maioria desses estudantes só teve conhecimento da UNILAB porque ainda nos seus países de origem mantinham contatos com um ou mais conterrâneos que estudam na instituição, que os fizeram e foi a partir desse prévio conhecimento da instituição que as fizeram decidir escolher esta Universidade e a cidade de São Francisco do Conde\BA como destino para formação. Constatamos que esses jovens na sua maioria só conheciam o Brasil que é passado na mídia (nas novelas e programas televisivos) Para maioria deles o Brasil era só um *mar de rosas*, sem as partes negativas. Ao chegarem ao município de São Francisco do Conde tiveram um choque com a realidade encontrada. E assim, passaram, a ter outra visão do país, que eles não têm só um lado, mas muitos outros e muitos que são “negativos”.

Ao fazermos uma discussão sobre a África percebemos que, os brasileiros têm uma visão pejorativa e generalizada sobre o continente. Tudo isso por falta de conhecimento, e a África que conhecem também lhes é passado pela mídia, como um lugar de miséria com pessoas doentes e sem nenhum “*desenvolvimento*”. Mesmo com a aprovação da Lei 10.630/03 que torna obrigatório o ensino da História de África no Brasil, a despeito de todos os avanços, observadores nos mais de dez anos de obrigatoriedade da

referida Lei, mesmo assim ainda há falta de professores qualificados para atuar na área, assim como por outros fatores. Ademais, a mídia também tem sido uma forte aliada e contribuído bastante para que a África e o africano sejam estereotipados como os “selvagens”, como um continente com fome, de doenças, sem nenhuma “civilização”.

Por fim, a pesquisa me levou a refletir sobre a experiência distinta do estranhamento vivido pelos homens e mulheres. Neste sentido foquei na representação do corpo e negra e africana em São Francisco do Conde e na UNILAB. O nosso interesse foi saber da representação que o corpo da mulher negra e africana ganha no Brasil.. A pesquisa nos indicou que ser mulher negra e africana em São Francisco do Conde é mais difícil que ser simplesmente mulher negra brasileira, a mulher africana no município é quase sempre sexualizada pelos homens da cidade, nunca são vistas como uma mulher estudante e africana sempre é vistas como objeto sexual e de prazer. Com o objetivo de criar uma rede de proteção e combate aos preconceitos criados no Brasil sobre a mulher negra africana foi criada o Coletivo das Mulheres Africanas (CMA) UNILAB.

Acreditamos que esse trabalho contribuiu para pensar a forma como as relações estão sendo constituídas nesse encontro entre os habitantes onde foram inseridas as novas instituições de ensino superior no Brasil, decorrentes da política de ampliação do ensino superior e, em particular na experiência da unilab em que a missão se ampliará para internacionalização, trazendo assim para o país um contingente de jovens de diferentes países do continente africano. Ademais, pode contribuir para a sensibilização e os órgãos do município particularmente o setor da educação a adotar políticas públicas favoráveis que contribuam para que os efeitos da Lei 10.639/03 se faça sentir no município, mais efetivamente, bem como para as políticas institucionais de assistências e permanências dos estudantes. .

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Ilídio. Presença da mulher africana ao sul do Sara na cultura e na ciência: Questões de gênero. **AFRICANA STUDIA**, Porto, n. 6. , 2003. Disponível em: http://www.africanos.eu/ceaup/uploads/AS06_153.pdf. Acesso em: 30 set. 2015.
- CABECINHA, Rosa; AMÂNCIO, Lígia. Estereótipos sociais e assimetria simbólica: três estudos com jovens angolanos e portugueses. In: CONGRESSO Luso Afro- brasileiro de Ciências, Sociais, 8. , 2004, Coimbra. **Anais eletrônicos...** Coimbra: CES-FEUC, 2004. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/1651/1/rcabecinhas_lamancio_LusoAfroBra_2004.pdf. Acesso em: 5 dez 2015.
- ÉBOLA. Ciência e Saúde. Disponível em: <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2014/08/entenda-epidemia-de-ebola-na-africa.html>. Acesso em: 21 de outubro de 2016.
- ESPÍRITO SANTO, J, Jorge do. **Resgate de Uma riqueza Cultural**: São Francisco do Conde. Salvador: 1998.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. 48. Ed. Rio de Janeiro: Global Editora, 2003.
- GUSMÃO, Maria M de. DIÁSPORA AFRICANA: A VIDA DE IMIGRANTES E ESTUDANTES EM PORTUGAL E NO BRASIL. In: Reunião Brasileira de Antropologia. 26. , 2008, Porto Seguro Bahia. Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/mesas_redondas/trabalhos/MR%2003/Neusa%20Maria.pdf. Acesso em 10 ago. 2015.
- GUSMAO, Neusa M M de. Africanos no Brasil, Hoje: Imigrantes, Refugiados e Estudantes. Revista Tomo.n. 21. , 2012, UFJ Aracaju. Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/viewFile/895/785>. Acesso em: 23 nov. 2015.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós- modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro, RJ, DP&A, 2011.
- IMPANTA, Iadira Antonio. Estudantes guineenses na UNILAB, Ceará, Brasil, coexistência, representações interétnica e questões de gênero. Redenção: 2015
- JORGE, Manuel. **Nação, Identidade e Unidade Nacional em Angola**: Conceitos, Preceitos e Preconceitos do Nacionalismo Angolano. n. , 28 – dezembro,2006.
- KALY, Alain P. **O Ser Preto africano no<<paraíso terrestre >> brasileiro**. Rio de Janeiro: 2001. Disponível em: <http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/kaly.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2015.
- LANGA, N, B, Ercílio. Diáspora africana no Ceará: desafios diante da alteridade e ressignificações de identidades étnico-raciais. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DA ABEH, 6. , 2012, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2012. Disponível em:

<http://pt.slideshare.net/erciliolanga/trabalho-completo-diaspora-africana-no-cear-ercilo-langa>. Acesso em: 10 abr. 2015.

LIMA, Edvaldo Bispo de. **Minha terra minha gente**. Salvador: 2009.

LUCENA, Francisco C. de; LIMA, Jorge dos S. **Ser negro: um estudo de caso sobre "identidade negra"**. **Saberes**. Natal, v. 1, n. 2, maio 2009. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/saberes/Edicao2/Artigos/Francisco%20Carlos%20de%20Lucena%20e%20Jorge%20dos%20Santos%20Lima,%20p.%2033-51.pdf>. Acesso em: 20 maios 2015.

MALOMALO, Bas'llele; FONSECA, Dagoberto José; BADI, Mbuyi Kabunda (Orgs.). **Díaspóra africana na era da globalização: experiências de refúgio, estudo, trabalho**. Curitiba: Ed. CRV, 2015.

MESQUITA, Erika, CLÓVIS MOURA (1925-2003). **Afro-Ásia**, 2004, p. 337-356

MORAIS, Sara S; SILVA, Kelly C. Estudantes de países africanos de língua oficial portuguesa nas tensões de sociabilidade e dinâmicas identitárias. In: CONGRESSO Luso Afro brasileiro de Ciências Sociais Diversidades e Desigualdades, 6. , 2011, Bahia. **Anais eletrônicos...** Bahia: UFBA, 2011.

MOURA, Clóvis. **Brasil: raízes do protesto negro**. São Paulo: Global, 1983. p.40-46, 100-105: Ideologia de branqueamento das elites brasileiras e os dilemas da negritude.

MUNANGA, Kabengele. **A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil**. **ESTUDOS AVANÇADOS**, Rio de Janeiro, 2004.

NOGUEIRA, B. Isildinha. **O corpo da mulher negra**. São Paulo: 1999. Gusmão, Neusa Maria. **Na terra do outro: presença e invisibilidade de estudantes africanos no Brasil, hoje**. 2011.

SANSONE, Livio. **Desigualdades duráveis, relações raciais e modernidades no Recôncavo: o caso de São Francisco do Conde**. **REVISTA USP**, São Paulo: n.68, 2005-2006.

_____. Um contraponto baiano de açúcar e petróleo: mercadorias globais, identidades globais? IN: CARDOSO, Carlos; TAVARES, Fátima; PEREIRA, Cláudio (Orgs.). **Baía de Todos os Santos: aspectos humanos**. Salvador: 2011. P. 353-361.

SANTOS, Marzon. V, NETO, Vicente Molina. **Aprendendo a ser negro: Perspectiva dos estudantes**. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo: v. 41, n. 143, maio\ Ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v41n143/a10v41n143.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2015

SANTOS, Sandra, L, S, de. **Viva São Francisco do Conde**. 2. Ed. Salvador: 2015.

SILVA, Kelly; MORAIS, Sara S. **tendências e tensões de sociabilidade de estudantes dos PALOP em duas universidades brasileiras**. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 1, jan. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v23n1/11.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2015.

SOUZA, Cristiane Santos. **Trajetórias de migrantes e seus descendentes: transformações urbanas, memória e inserção na metrópole baiana**. Campinas: 2013.

SUBUHANA, Carlos. A experiência sociocultural de universitários da África lusófona no Brasil: entremeando histórias. **Pro-Poseções**, Campinas, v. 20, n. 1, jan.\abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v20n1/v20n1a07.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2015.